PARA TODOS...
ANNO XIII
NUM. 646
Rio de Janeiro,
2 de Maio de
1931
PREÇO: — 1$000

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organizado na America do Sul -- O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio. Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de bôa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da nossa empresa, publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como, ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com a "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessôa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro *enveloppe* fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concurrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em *enveloppes* separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concurrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade dessa empresa, durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concurrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	CONTOS HUMORISTICOS comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000
2º " .... 300$000	2º " .... 300$000	2º " .... 300$000
3º " .... 250$000	3º " .... 250$000	3º " .... 250$000
4º " .... 150$000	4º " .... 150$000	4º " .... 150$000
5º " .... 100$000	5º " .... 100$000	5º " .... 100$000
6º " .... 50$000	6º " .... 50$000	6º " .... 50$000
7º " .... 50$000	7º " .... 50$000	7º " .... 50$000
8º " .... 50$000	8º " .... 50$000	8º " .... 50$000
9º " .... 50$000	9º " .... 50$000	9º " .... 50$000
10º " .... 50$000	10º " .... 50$000	10º " .... 50$000
11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO PARA TODOS..."

iniciado no dia 21 de Junho de 1930, encerrar-se-á, definitivamente, no dia 20 de maio de 1931, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para todos..."

RUA DA QUITANDA, 7 — RIO DE JANEIRO

ENDEREÇOS SELECCIONADOS

Cabelleireiros:

A. DORET — R. Alcindo Guanabara, 5 — Tel. 2-2431

AMERICO — R. Sete Setembro, 86-1° — Tel. 2-1181

ERITIS — R. Urugayana, 78 — Tel. 2-2608

BOTAFOGO — R. S. Clemente, 36 — Tel. 6-1504

Manicures:

CASA ERITIS — R. Uruguayana, 78 — Tel. 2-2608

Mme. CAMPOS — R. Sete Setembro, 166 — Tel. 2-1701

A. DORET — R. Alcindo Guanabara, 5 — Tel. 2-2431

Pedicures:

MIGUEL BRAGA — R. Quitanda, 79-1° — Tel. 4-5502

GONZALEZ J. — Gonçalves Dias, 78-1° — Tel. 3-5416

MOLEDO — R. Urugayana, 31-1° — Tel. 2-4126

Massagistas:

ACADEMIA SCIENTIFICA DE LISBOA — Av. R. Branco 134-1° — Tel. 2-4658

MARGARIDA BRANDT — — R. Marq. Abrantes, 109 — Tel. 5-1170

Mme. CAMPOS — R. Sete Setembro, 166 — Tel. 2-1701

Penteadores:

FLEURY FELICIEN — R. Sete Setembro, 40-1° — Tel. 4-3867

JULIO DUARTE & C. SOARES — R. Sete Setembro, 139-1° — Tel. 2-5806

LONGOBARDI AUGUSTA — R. Carioca, 12-1° — Tel. 2-1551

Institutos de Belleza:

LUDOVIG — R. Ouvidor, 164-1° — Tel. 2-9504

Mme. CLEMENT — R. Uruguayana, 22-2° — Tel. 2-1510

ISABEL RAMOS — Av. Alm. Barroso, 1-S|2 — Tel. 2-8558

Joalherias:

OSCAR MACHADO — R. Ouvidor, 103 — Tel. 4-2367

KRAUSE & Cia — R. Ouvidor, 152 — Tel. 2-9044

LUIZ DE REZENDE — R. Ouvidor, 116 — Tel. 2-9010

MAPPINS & WEBB — R. Ouvidor, 100 — Tel. 4-0489

CASTRO ARAUJO — R. Ouvidor, 168 — Tel. 2-9238

CASTRO LEITE & Cia. — R. Ouvidor, 140 — Tel. 2-9028

Calçados:

CASA DO BASTOS — R. Uruguayana, 19 — Tel. 2-2616

A EXQUISITA — R. Gonçalves Dias, 62 — Tel. 2-1387

CASA OUVIDOR — R. Ouvidor, 171 — Tel. 2-3872

CASA ABRUNHOSA — R. Republica do Perú, 101 — Tel. 2-0276

CASA NORAH — Av. Passos, 59 — Tel. 4-3647

CASA GUIOMAR — Av. Passos, 120 — Tel. 4-4424

CASA RIVER — R. Republica do Perú, 46 — Tel. 2-5477

BOTA FLUMINENSE — Av. Passos, 123 — Tel. 4-5963

GALLO & Cia. — R. S. José, 69 — Tel. 2-3545

GATO PRETO — R. V.s.. Maranguape, 9 — (Lapa) — Tel. 2-4656

A SEDUCTORA — R. Uruguayana, 46 — Tel. 2-2223

A PREDILECTA — R. Uruguayana, 60 — Tel. 2-2123

CASA FERRAZ — R. Uruguayana, 34 — Tel. 2-0655

Chapéos:

CASA LEBLON — R. Gonçalves Dias, 15 — Tel. 2-1540

MARIA MAGRA — Ouvidor, 155 — Tel. 3-6353

CASA CASTRO — R. Uruguayana, 11 — Tel. 2-2234

PEREIRA DE SOUZA — R. Gonçalves Dias, 4 — Tel. 2-4832

RIGOR DA MODA — Sete Setembro, 185 — Tel. 2-3679

BACCARINI, IRMANS — Av. Rio Branco, 106-1° — Tel. 2-1193

MARIE CAMILLE — Av. Rio Branco, 133 — Tel. 3-2700

JUDITH MOURA — Av. Rio Branco, 177 — Tel. 3-1047

Perfumarias:

BAZIN — Av. Rio Branco, 143 — Tel. 3-3746

LOPES — Av. Rio Branco, 134 — Tel. 2-2938

LOPES — Praça Tiradentes, 34-38 — Tel. 2-0648

LOPES — R. Uruguayana, 44 — Tel. 2-0539

CIRIO — R. Ouvidor, 183 — Tel. 2-9249

HORTENCE — R. Sete Setembro, 123 — Tel. 2-5675

KANITZ — R. Sete Setembro, 127 — Tel. 2-0697

PERESTRELLO — R. Uruguayana, 66 — Tel. 2-4094

RAMOS SOBRINHO — R. Quitanda, 89 — Tel. 3-4571

Casas de Meias:

CASA DAS MEIAS — R. Urugayana, 154 — Tel. 3-4909

CASA OLGA — R. Uruguayana, 100 — Tel. 4-0218

CASA SOUTO — R. Sete de Setembro, 93 — Tel. — 2-3342

CASA STEPHAN — R. Uruguayana, 12 — Tel. 2-8424

MOUSSELINE — R. Gonçalves Dias, 39 — Tel. 2-1252

MOUSSELINE — R. Uruguayana, 20 — Tel. 2-1489

MEIA PAULISTA — R. Uruguayana, 18 e 26 — Tel.

Armarinho (miudezas):

CASA GONÇALVES — R. Sete Setembro, 165 — Tel. 2-3958

PARC ROYAL — R. Ramalho Ortigão — Tel. 2-3064

BARBOSA FREITAS & Cia. — Av. Rio Branco, 136 — Tel. 2-0318

Mme. ROCHE — Av. Rio Branco, 104 — Tel. 4-2159

CASA RATTO — R. Gonçalves Dias, 47 — Tel. 3-8539

CASA MACHADO — R. Gonçalves Dias, 45 — Tel. 2-3548

A SAMARITANA — R. Ramalho Ortigão, 18 — Tel. 2-0888

A SILHUETA — R. Sete Setembro, 147 — Tel. 2-3093

Fazendas:

PARC ROYAL — Largo S. Francisco — Tel. 2-3064

NOTRE DAME — R. Ouvidor, 182 — Tel. 2-9050

CASA ISIDORO — R. Sete Setembro, 99 — Tel. 2-1754

CASA DOS TRES IRMÃOS — R. Ouvidor, 160 — Tel. 2-9444

CASA SUCENA — Av. Rio Branco, 76-86 — Tel. 4-0604

FAZENDAS PRETAS — Av. Rio Branco, 141 — Tel. 3-3837

Modas e Confecções:

A IMPERIAL — R. Gonçalves Dias, 56 — Tel. 2-1296

SALGADO ZENHA — Av. Rio Branco, 145 — Tel. 3-3612

A MODA — R. Gonçalves Dias, 20 — Tel. 2-1468

FAZENDAS PRETAS — Av. Rio Branco, 141 — Tel. 3-3837

PARC ROYAL — R. Ramalho Ortigão — Tel. 2-3064

AGUIA DE OURO — R. Ouvidor, 169 — Tel. 2-9139

A VOGA — R. Ouvidor, 167 — Tel. 2-9048

AO GRAND PALAIS — R. Sete Setembro, 110 — Tel 2-4230

Rendas e Bordados:

CASA CASTRO (Bordados) — Sete Setembro, 175 — Tel. 2-1443

CASA GABY (Bordados) — Ouvidor, 176 — Tel. 2-0995

Mme. ROCHE (Bordados e Rendas) — Av. Rio Branco, 104 — Tel. 4-2159

PINHEIRO & IRMÃOS (Bordados) — Gonçalves Dias, 57 — Tel. 2-1301

VIEIRA DA SILVA & Cia. (Bordados) — Sete Setembro, 143 — Tel. 2-1220

A VALENCIANA (Rendas) — Av. Rio Branco, 152 — Tel. 2-3984

CASA FLORENÇA (Rendas) — Av. Rio Branco, 158 — Tel. 2-8808

CASA VENEZA (Rendas) — Av. Rio Branco, 117 — Tel. 4-2479

Luvas e Leques:

CASA FORMOSINHO — R. Ouvidor, 136 — Tel. 2-9134

LUVARIA GOMES — R. Ramalho Ortigão, 38 — Tel. 2-2459

CASA CAVANELLAS — R. Ouvidor, 178 — Tel. 2-9405

CASA SERRANO — R. Gonçalves Dias, 14 — Tel. 2-4920

Flores:

CASA FLORA — R. Ouvidor, 61 — Tel. 4-2247

CASA FLORA — R. Gonçalves Dias, 67 — Tel. 2-0486

CASA JARDIM — R. Gonçalves Dias, 138 — Tel. 2-2852

FLÔR DE LIZ — Av. Rio Branco, 175 — Tel. 2-5681

FLORICULTURA BARBACENA — R. Assembléa, 113 — Tel. 2-8132

ARTE FLORAL — R. Gonçalves Dias, 17 — Tel. 2-8260

Pelleterias:

PELLETERIA BRASIL — Praça Governadores, 2 — Tel. 2-4972

PELLETERIA CANADA' — R. Uruguayana, 21-1° — Tel. 2-4827

PELLETERIA LEIPZIG — R. Gonçalves Dias, 75-1° — Tel. 2-2696

PELLETERIA SIBERIA — R. Ouvidor, 155-1° — Tel. 2-9059

Cintas:

CASA SCHAYE' — Av. Gomes Freire, 19 — Tel. 2-1074

CASA MORAES — R. Assembléa, 107 — Tel. 2-2419

MODELO LUIZ XV — R. Ouvidor, 177 — Tel. 2-9205

LUIZA TUPY — R. S. José, 104-4° and. — Tel. 2-1436

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para respostas.

OMBRE DU PASSÉ (S. Carlos) — Linda sua cartinha com os maravilhosos versos que mandou.

Vê-se que se trata de uma creatura sentimental, uma grande emotiva cheia de fantasias e sonhos. Muita delicadeza, alta sensibilidade, melindrando-se, como a sensitiva, ao mais ligeiro toque. Guarda um resentimento, uma tristeza ou magua qualquer, muito intima, que, ás vezes, se desfazem em lagrimas derramadas no silencio e no isolamento. Tenha coragem, animo e se lembre do verso de Musset:

. . . .

"Les larmes du passé fécondent l'avenir..."

PEDRO SAPO (?) — Não melhorou como suppõe. Entre os nervosos ha os desanimados, que se julgam incuraveis e se crêem cada vez mais doentes. Ha tambem os esperançados que suppõe ir melhorando. Seu caso é esse. Predominam, entretanto, os mesmos signaes denotando inquietação, mobilidade, quasi angustia. Ha tambem sentimento esthetico muito commum nos hypersthenicos.

DARSY (J. Pessoa) — Letra redondinha de pessoa amavel, boa, carinhosa, cheia de doçura e meiguice tão natural nas filhas desse "rincão"...

Um pouco voluvel, esquecendo com a mesma facilidade com que desejou qualquer cousa, depois de a conseguir. Egoismo que póde ser traduzido por ciumes...

LUIZINHA (Rio) — Inconstancia, volubilidade, dissimulação, eis as principaes caracteristicas da sua graphia. Nota-se ainda fraqueza, nervosismo, pouco senso da medida, bastante capricho, alguma futilidade. Temperamento difficil de ser comprehendido por muito "desegual", não se sabendo quando ama ou aborrece, quando deseja ou desdenha. Entretanto, não é má. Tem apenas esses defeitos que podem ser corrigidos com um pouco de boa vontade.

MARIA DE AZEVEDO (C. Bomfim — Rio) — Grato pelas gentis referencias á secção. Sua graphia é de uma pessoa franca, decidida, que gosta de viver ás claras, tendo ainda bastante amor ao confortavel, ás longas viagens. Espirito ás vezes fantasista e sonhador, um pouco autoritaria, com um perfeito sentimento da sua liberdade, pouca importancia dando ás opiniões alheias a seu respeito desde que se sinta satisfeita comsigo mesma.

CENDRILLON (?) — Uso sempre da maior franqueza para com as minhas consulentes, principalmente quando ellas confessam que desejam se corrigir de pequenos defeitos. O maior que lhe encontro é uma certa aspereza, arrogancia, ou agressividade para aquelles que julga de condição social inferior á sua. E' intelligente, embora com pouco cultivo intellectual. Tem bastante poder de logica e concatenação de idéas. E' simples modesta e poderá ser amavel... querendo.

LADO DIREITO (São Paulo) — A graphia da sua assignatura é algo diversa daquella do corpo da carta o que não é bom symptoma, demonstrando dissimulação, calculo, pouca sinceridade. Nota-se, entretanto, alguma energia, força de vontade, espirito artistico, embora com pouco senso da medida. Tem iniciativa propria, firmeza, coragem e ambição.

MÉLISSINDE (Rio) — Recebi sua cartinha e seu pedido será brevemente satisfeito. Já começou suas aulas?

TRISTÃO DE ISOLDA

PARA TODOS...

CONVERSA INGENUA SOBRE TREZ ARTES

MUSICA...

Paizagem auditiva. Delicia-mór do sentimentalismo. Excitante geral que entra pelo ouvido e se diffunde pelo organismo. Chegam os sons... Intensa vibração de todos os sentidos! Uma saudade a cantar no coração da gente. Tempos que voltam nitidamente em bemoes, fusas e semi-fusas... Tragedias passionaes, feitos heroicos, poemas de amor; romances synchronisados, desejos insatisfeitos, ansiedade humana... Maxixe — beijo de 90 graus dentro de um abraço tentacular. Valsa — olhar languido á beira de um lago sereno. Tango — fusão de dois corpos que juram fidelidade. Schimmy — tremor convulso de temperamentos nervosos. Charleston — dynamismo, gymnastica para emmagrecer, esporte de nossos ancestraes...

E toda a nossa Vida, desde o panorama azul da meninice, tem o seu domingo da Resurreição... sem nuvens, cheio de luminosidade, cantante, doce, harmonioso...

+ + +

PINTURA...

Meia duzia de arvores verdes, um lago ao longe, um corpo nu de mulher, sob a pallidez do luar... Batalhas, uma porção de gente a cavallo, um senhor de boas intenções está gritando uma phrase bonita á margem do rio... Retratos de moças, velhos, velhas; frutas nacionaes e estrangeiras, cães, politicos; personagens mythologicas, etc... A gente chega; vê, admira, elogia a technica do artista... Outros chegam, vêem cada vez menos com o auxilio de oculos e "lorgnons", elogiam e fingem que sabem admirar... e os "Salons" andam á cunha.

Pintura — monotonia sem par. Obriga a gente a botar ponto final na imaginação. Não deixa reticencias. Quando muito nos traz a vaga lembrança de logares ermos, onde a gente fica pensando que a Felicidade deve morar... E é só. Enfeita as paredes de nossa casa. Divertimento para sala de espera de consultorios. Apenas... Incapaz de excitar. Bromêto de sodio do sentimentalismo... A's vezes, é facto, precisamos de calmantes. Pintura — estação de repouso, logar commum do veraneio, subida para Petropolis ou São Lourenço...

+ + +

POESIA...

Musica dentro de palavras. Mais musica sem a batuta dos velhos do que com ella. Durante muito tempo se prendeu a imaginação dos homens dentro da contagem de syllabas. Penna á direita sobre o papel e os dedinhos da esquerda a tamborilar sobre a mesa sonetos e quejandos artificios. Depois, veiu a reacção robusta da gente moça. "Libertas que sera tamen!" Hoje, a coisa é differente... e bem melhor. Nada de peias para subir pelos coqueiros da immortalidade poetica! Creou-se novo rythmo. Não ha obra didactica para o verso. Dantes, aquelle que seguia á risca o methodo, e botava algumas tolices dentro da gaiola dourada do soneto, sob o compasso 3 4 ou quaternario, ganhava depressa o titulo pomposo de poeta. Agora, ser poeta não é para qualquer. Não ha mais a escravidão dos dedinhos da esquerda... porém o novo rythmo é quasi innato á personalidade. Os velhos defendem sua escola. Inimigos da evolução das coisas, conjugam, em todos os tempos, o verbo "parar". Os novos fingem não escutar, respiram, a pulmões cheios, esse oxygenio purissimo do Modernismo, e põem toda a sua robustez intellectual em contacto intimo com a Natureza...

Poesia... Gosto de morena brasileira em pleno Verão. Cantiga dolente com requebros de maxixe.

Poesia — consolo de desditas, lenitivo para maguas do coração, porta aberta aos males da alma, anseio por uma vida melhor... cantico que, dentro do milagre de sons e de imagens, forra de violetas a estrada poeirenta da existencia!...

+ + +

— "Por que ha Musica?"

O meu ouvinte, sem pestanejar: — "Por causa da Mulher!"

— "Por que ha Pintura?"

O meu ouvinte, correctissimo: — "Por isso mesmo!"

— "Por que ha Poesia?"

O meu ouvinte, enthusiasmado: — "Idem!"

— "Em que se resume a Vida?"

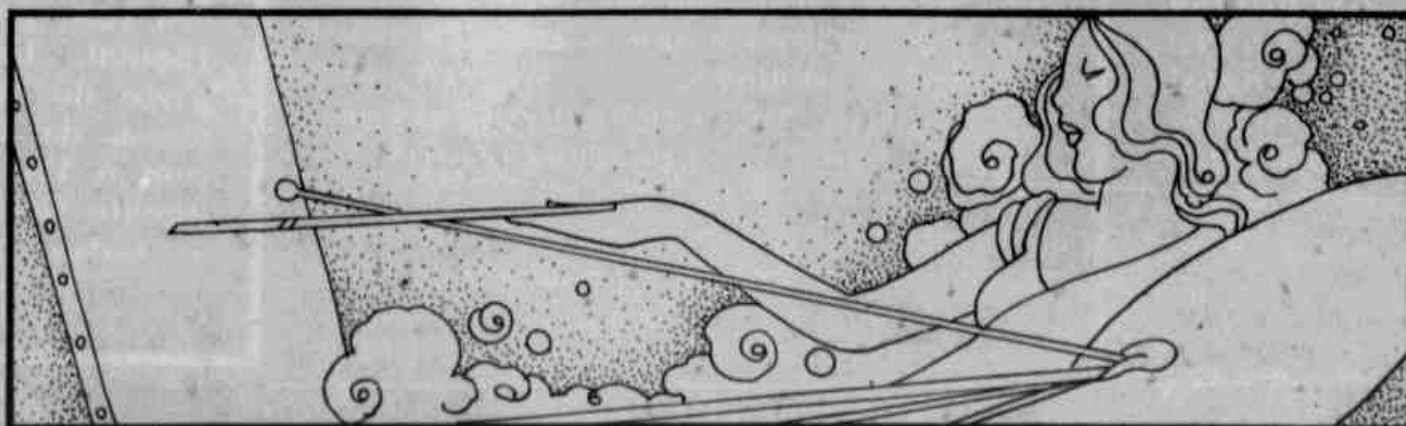
O meu ouvinte, emphaticamente: — "Na Mulher!"

— "Ahi está, meu amigo... Depois de tudo isso, a Mulher queixa-se dos homens, quer ter os mesmos e nem sempre bons direitos masculinos, esquece-se de seu divino papel dentro do lar!... Francamente: A Mulher é ingrata!"

O meu ouvinte, mal educado: — "Ingratissima!... E é por isso mesmo que se justifica aquelle velho conceito de Schopenhauer..."

Nota — Minhas possiveis leitoras.

Deus permitta que o typographo empasteIe a ultima conclusão do meu ouvinte!...

JOB FREIRE

1ª BATERIA,

STALINGRADO, Abril (International News Photos) — A. L. Raskin, um dos engenheiros norte-americanos que estão trabalhando com o governo sovietico, acaba de ser eleito membro do conselho municipal da cidade de Stalingrado. De accordo com a constituição sovietica, todas as pessoas que têm uma occupação poderem votar ou ser eleitas para cargos governamentaes, sejam nacionaes ou estrangeiros. Raskin é especialista em industrias de aço e ferro.

A noite de 23 é toda ella de nervosa expectativa e de grandes incertezas.

Nos momentos de angustia e de perigo a treva é sempre uma oppressão...

E é, de facto, sob a oppressão da treva — uma noite silenciosa e sem estrellas — e sob a oppressão das fundas responsabilidades de uma praça de guerra revoltada, que se vão passando lentamente as horas, assignaladas pelo alarme das sentinellas.

A velha Fortaleza passa immediatamente ao estado de guerra.

Todos os officiaes, de accordo com as Ordens de Operações do Commando das Forças Pacificadoras, têm suas funcções perfeitamente destacadas.

Ultima-se o municiamento dos paioes de combate. Matralhadoras, fuzis-metralhadoras e os canhões 75 Krupp, Tiro Lento, vão occupar pontos adrede escolhidos para a "defesa approximada". Os canhões, já perfeitamente municiados, ficam em vigilancia. Pessoal a postos. Radio e telephones-controlados.

Emfim, a Fortaleza, cheia de polvora e de armas, apenas aguarda a hora H, para dizer das suas intenções revolucionarias, pela garganta de aço dos canhões...

. . .

Episodio commovente, e que a todos enche de alegria, é o da liberdade de onze presos politicos, todos officiaes que a policia do Sr. Oliveira Sobrinho achou prudente enviar para essas muralhas vetustas.

A noticia, embora a todo o momento esperada, enche de alegria esse brilhante punhado de officiaes.

Não é tanto a alegria pela restituição da liberdade. E' mais pela opportunidade que se apresenta de poderem desincumbir-se das missões que lhes são impostas pela Revolução.

Devem todos se apresentar no Morro do Pico ao General Leite de Castro. E, meia noite, lá se vêm brilhando dentro da treva, as lanternas electricas dos officiaes, que vão galgando o Morro.

As luzes apparecem, reapparecem, na mancha escura e magestosa da noite, guiando os capitães Dubois, Limeira, Danton, Jaire, Tenente Mello e Varonil.

E lá no alto, continúa a piscar o pharolete do Forte.

. . .

A noite vae pesada. O céo parece mais baixo, suffocando a terra como immensa abobada de ardosia.

Tudo, na faina febricitante de ultimar as mais rigorosas providencias de guerra.

Armam-se espoletas; preparam-se estopilhas; giram-se volantes...

E emquanto toda a Fortaleza se arma no silencio e na escuridão da noite é, realmente de impressionar, o contraste de belleza e de tranquillidade, que se nota do outro lado da bahia.

— A cidade dorme tranquillamente, ingenuamente, pulverisada de luzes...

Até parece aquella menina de "Chanaan", que adormeceu na floresta e, durante o somno, ficou cheinha de vagalumes...

Como é facil de imaginar o espanto com que, daqui a algumas horas, ella acordará violentamente despertada pelo estrondo do canhão...

. . .

Afinal, uma claridade muito tenue vem descendo do alto.

Vão lentamente se abrindo as cortinas de nevoa e de sombra.

E a luz d'alva começa, timidamente, a destacar o contorno dos morros, fazendo sobresaltar na olympica scenographia da natureza, a magestade do oceano e das montanhas.

A madrugada surge, encantadoramente, vestida de branco e coroada de luz...

E, saudando militarmente a sua apparição, mais que esperada, ouve-se o toque harmonioso da alvorada...

As notas metallicas vibram no ar, com uma suavidade especial!...

Mas, que tem hoje esse toque de differente do das outras vezes? Como consegue desta feita cortar a alma, commover fundamente a guarnição, que, tendo passado, toda a noite em claro, agora o escuta com profunda religiosidade?

Como é possivel que um simples toque de corneta, algumas notas apenas, consigam no momento impressionar mais que uma grande orchestra tocando o "Parcifal"?

As leis da emoção...

E' que a singeleza do toque, se transfigura com a grandiosidade do scenario e a solennidade do momento. E, mais que uma alvorada, mais que um simples accidente de folhinha, o que elle annuncia é uma nova época, uma nova Republica, o dia de uma Revolução...

Já estamos em 24 de Outubro de 1930!

A manhã não se apresenta, porém, em grande gala — muita luz, muita alegria, muito sol — compativel com as altas cerimonias da jornada.

Apparece, pelo contrario, fria, humida, chuvosa.

— Que manhã triste!

Uma chuvinha miuda começa a embaciar o céo. O sol esconde-se atraz de pesadas nuvens cinzentas. Grandes pedaços de nevoa, aqui e além, occultam a belleza da cidade.

E, para augmentar ainda mais a tristeza, que a todos acabrunha, vêm-se officiaes e soldados, sumidos em escuros capotes, multidão de vultos movendo-se de um lado para outro, á volta dos canhões, nas casamatas, nas "baterias de fogo", diluidos dentro do nevoeiro baço e fustigados pela inclemencia da chuva impertinente e miudinha.

. . .

A impaciencia e a nervosidade de todos exigem que o tempo passe mais depressa e que mais rapidamente possivel chegue a hora H...

Mas as horas arrastam-se pesadamente...

Tudo está a postos.

Os canhões — guarnecidos.

A banda de musica, prompta para romper o Hymno Nacional, ao primeiro tiro. A Bandeira, aliás nova e que vae ser estreada nesse dia, já está na driça para ser hasteada simultaneamente com o hymno e as salvas.

E os minutos não querem andar.

Quasi nove horas...

Afinal, lá no alto do Morro do Pico, é hasteada a Bandeira.

FOGO!!

A CONSPIRAÇÃO NA CAPITAL

Paginas do livro de AFFONSO DE CARVALHO

Relogios acertados. O ponteiro marca exactamente nove horas. E' a hora H...

Chega o momento culminante, o instante maximo da emoção, o minuto psychologico.

1ª. Bateria, Fogo!

E um estrondo, rouco e surdo, estruge nos ares. Uma nuvem de fumaça branca sobe da casamata. Ao mesmo tempo, rompe o Hymno Nacional e a Bandeira, na manhã chuvosa e fria, vae subindo lentamente no mastro com as homenagens da musica e dos canhões.

Toda a guarnição — em profundo silencio, em continencia, compenetrada da gravidade do momento e arrebatada pela belleza empolgante da solennidade.

A Revolução se annuncia, á voz do canhão, erguendo nas mãos a Bandeira da Patria e cantando o Hymno Nacional.

"Alea jacta est!"

* * *

Fogo!

E novos estrondos reboam por toda a Fortaleza!

E começa, então, a symphonia dos canhões.

São João tambem salva. Segue-se a Fortaleza de Lage. São Luiz já está atirando.

— "Seu" capitão, "Imbuhy tá" queimando!...

E "Vigia" e "Copacabana" completam a formidavel orchestra de Plutão, cada fortaleza dando quinze tiros, correspondentes aos quinze Estados, que já se acham fóra da autoridade do Sr. Washington Luis. O espectaculo das sete fortalezas, "salvando" ao mesmo tempo, quebrando o silencio da manhã com os fortes estrondos dos canhões — é simplesmente majestoso.

As bandeiras drapejam em todos os mastros e as nuvens de fumaça branca se espalham pelo cinzento do céo, pelo verde dos mattos, pela massa escura das cupolas e das muralhas, como flócos brancos de incenso.

Ha a impressão dum grande bombardeio.

Os canhões rouquejam. E, para completar a belleza scenographica do espectaculo, apparecem, perfeitamente formadas, as esquadrilhas dos aviões, lançando "manifestos".

A precisão chronometrica com que são cumpridas todas as Ordens de Operações é realmente impressionante.

Nada falha. Tudo em perfeita combinação, articulado em ordem impeccavel.

As Fortalezas manifestam-se pela bocca dos seus canhões. Voam os aviões. A tropa sahe dos quarteis, confraternizada com o povo, rumo ao Guanabara.

A Revolução ataca o governo, por terra, pelo mar e pelo ar. De todos os lados.

Poucos minutos após cessam as salvas, cessam os cento e cinco tiros.

Os aviões continuam a voar e a tropa a marchar...

Que será do Governo Sr. Washington Luis a estas horas?

Parece que não ha duvida...

— Um Governo deposto... e com tiros de polvora secca...

* * *

A fumaça das salvas esgarça-se no ar...

Cezar atravessou o Rubicão.

Que estará havendo lá pela cidade?

Por emquanto o desconhecido.

O Sr. Washington Luis, evidentemente não se submette com docilidade aos termos imperativos da "Intimação".

O General Nestor, Ministro da Guerra, determina, na certa, a resistencia á "outrance". Nem lhe faltam tropas fieis, nem generaes de toda a confiança, como os Generaes Azevedo Coutinho e João Gomes, resolvidos até ao sacrificio.

S. Exa. é, no momento, o pára-raios do Governo e, certamente saberá livral-o da violencia da tempestade e dos coriscos fulminantes, que ameaçam reduzir a pó a autoridade insolente do Sr. Washington Luis.

Succedem-se momentos de nervosa espectativa.

A Fortaleza, se está prompta para atacar, tambem se acha prompta para se defender.

Mas não ha nenhum signal de aggressão.

O "Minas Geraes" retira-se do ancoradouro da Ilha das Cobras e toma posição mais ao fundo da Bahia.

Que intenções terá o poderoso "dreadnougth?" Quererá mandar-nos, com alguns projectis, a truculenta expressão da sua fidelidade ao Governo?

Ouve-se de subito o toque de uma embarcação que se approxima. Desembarca, ardendo de enthusiasmo, o Cap. Ten. Jeronymo Francisco Gonçalves. Apresenta-se á Revolução!

Na impossibilidade de apresentar-se a um navio, recorre a uma Fortaleza.

A presença de tão brilhante official e authentico revolucionario honra sobremodo a guarnição. As primeiras informações precisas do que está se passando no Rio — confraternização do povo, marcha do 3º Regimento, etc. — são dadas pelo distincto commandante.

E na sua pessoa, vê-se brilhantemente representada, prestando serviços á Revolução, a gloriosa Marinha Nacional.

* * *

Em cumprimento ás missões que lhe são commettidas a Fortaleza faz hastear no "pau chileno" os signaes internacionaes de "porto fechado".

As bandeirolas agitam-se ao vento, multicores, decorativas...

A's 10 horas apparecem os primeiros navios, que demandam ingenuamente a barra.

São tres navios nacionaes e o "Holbein".

Quando se acham á distancia conveniente, roncam os primeiros tiros de advertencia.

Os navios não os comprehendém e insistem na marcha.

O canhão retumba outra vez, surdamente. Os navios ainda insistem, apesar dos visiveis signaes de "porto fechado". Mas dessa vez as baterias de fogo se abalam com os retumbos mais potentes do tiro real.

Os projetis levantam repuxos dagua á frente dos navios.

E, diante de um argumento tão convincente — a bala — todos dão machinas atraz. Um, manobra tão precipitadamente que quasi "monta" a pedra da Lage. Todos dão marcha ré e ficam lá fóra, perto da Ilha Rasa, aguardando melhores entradas...

Decididamente a bala ainda é um optimo argumento...

* * *

Horas nervosas... A victoria ou o fracasso?...

Que estará se passando no Guanabara?... Até onde irá a resistencia do Governo?

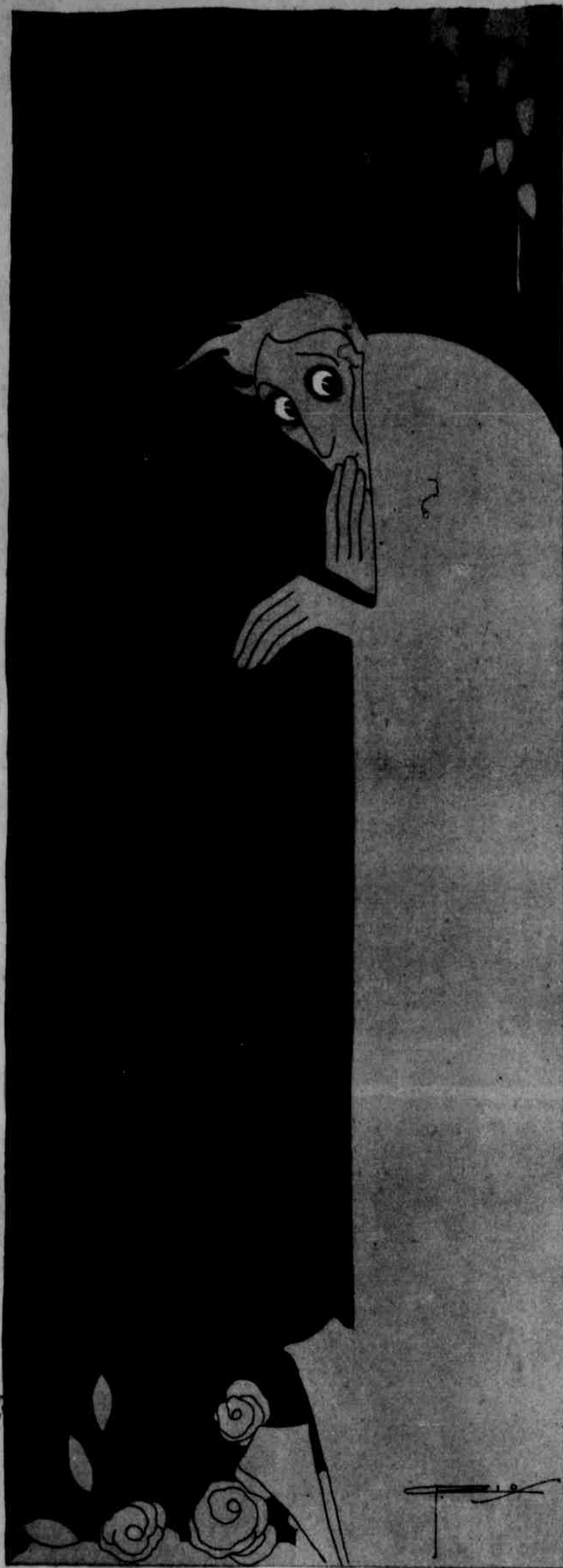
Os radios continúam confusos.

Emfim, a Fortaleza tem a convicção que cumpriu o seu dever. E, confiante aguarda o resultado da jornada.

O dia continúa nublado, feio e triste.

Mau grado a falta de noticias tem-se, comtudo, a impressão que o Governo agoniza...

E o Sol ascende timidamente pelo céo, amarello, baço e triste, como as velas que se collocam na mão dos defuntos...

BERLIM, Abril (International News Photos) — A Dra. Margarete Gussow, reconhecida como a mais famosa astronoma da Allemanha, vê-se ao lado de um dos grandes telescopios do observatorio de Neu-Babelsberg, perto de Berlim. Esse observatorio é considerado um dos mais aperfeiçoados de toda a Europa

A ORAÇÃO DO SILENCIO

Silencio, não digas nada...
Fecha teus olhos, e escuta!

Não despertes a terra fatigada
Dos labores do dia!
Deixa que durma a noite fria,
Cheia de sombras e de pesadelos,..

Não cae de uma arvore frondosa
Nem uma folha, nem uma fructa;
Não murmura, em segredo, uma só rosa,
Ardendo em zelos,
Contando os seus amores
Aos pyrilampos enternecedores.

Silencio, não move um passo!
Silencio, não abre a boca!

Deixa que a treva
(Que é tão mulher quanto foi Eva)
Prenda, num longo e generoso abraço,
O meu corpo vencido
E esta esperança louca
De entrar, emfim, na paz do somno,
Para dormir, para sonhar, para esquecer...

Silencio, respira menos!
Silencio, fica tranquillo!

Deixa que do seu throno
A Natureza busque o seu prazer,
Sugando os lyrios alvos e serenos,
Bebendo o aroma dos jasmins dolentes.

Silencio, muito sigillo!
Silencio, não range os dentes!

Não te mexas na cama,
Entre o teu cobertor e os teus lençóes de linho:
Fica estendido,
Pensando á tôa
Na historia breve daquella dama,
Que foi a musa do teu carinho,
Que foi a noiva do teu desejo...

Silencio, o poeta perdôa!
Silencio, afoga teu beijo!

Deixa que augmente a solidão
Dentro de cada casa
E que transborde de tristeza e de amargura
A taça ardente do meu coração!

Silencio, não me aborreças!
Por favor, deixa-me quieto!

Não se ouve a musica de uma asa
Entre as moitas espessas;
Não geme o vento na verdura;
Não chora um calamo indiscreto
No alto do monte;
Não soluça uma fonte,
Rolando as maguas
Na agitação das suas aguas.

Silencio, não rezes tanto!
Vira os olhos para o canto!

Não acordes a terra fatigada
Do barulho infernal de cada dia!
Entra tambem no vasto imperio
Do sonho, da illusão e do mysterio!

Silencio, não me arrelia!
Silencio, não digas nada!

GENTE BONITA

Em cima: no chá pró "Monumento aos 18 do Fórte". Em baixo: na inauguração do golfinho do Atlantico Club.

BARRA BOLA

Alumnas dos Collegios Guanabara e Icarahy que jogaram na festa em homenagem ao director do C. I.

A Historia da Revolução já tem varias historias. Os homens graves que quizérem contar como foi a quéda do ultimo governo da Republica de 1889 acharão nesses livros o melhor dos subsidios. Porque, com mais ou menos fantasia, todos falam a verdade. "1ª Bateria, fogo!" de Affonso de Carvalho só tem um defeito: é acabar depressa. A gente gostaria de lêr mais. E' que o autor, autor de contos, romances, comedias e revistas, sabe prender o publico. Não escreve. Fala. Móstra. Nós, do Rio, que não vimos a Revolução a não ser nos boatos, do dia 3 ao dia 24 de Outubro, achamos a

Affonso de Carvalho

Revolução nas palavras de Affonso de Carvalho e queriamos que ella se prolongasse. Mas Affonso de Carvalho disse o que tinha de dizer. E disse optimamente, sincemente, altivamente.

Em baixo: na Academia Carioca de Letras, sabbado passado, quando foi recebido o escriptor Carlos Rubens. Carlos Rubens occupa, desde o dia 25, a cadeira que tem o nome de José do Patrocinio. A posse do novo Academico teve grande e distincta assistencia que applaudiu o estudo por elle feito do seu patrono com a elegancia e o brilho de todos os trabalhos literarios de Carlos Rubens.

HESPANHA

Esta photographia tem um grande valor documental historico, porque representa a primeira reunião do ultimo gabinete da monarchia hespanhola. A reunião effectuou-se no Palacio Buenavista e despertou o maior interesse possivel por parte do publico hespanhol. Da esquerda para a direita: o Conde de Romanones; o Duque de Maura; o Marquez de Hoyos; o almirante Aznar, Presidente do Conselho de Ministros; Juan Ventosa; o Conde de Bugallal; o General Berenguer; José Gascon y Marin; o Marquez de Alhucemas; o vice-almirante Rivera e Juan de la Cierva. Esse gabinete teve necessidade de ceder o seu logar ao governo republicano que se implantou na Hespanha, com a proclamação da abdicação do rei D. Affonso XIII.

Um recente retrato do almirante Juan Bautista Aznar que foi o ultimo presidente do conselho de ministro da monarchia hespanhola, deposta pela onda republicana. O ex-soberano abdicou, de maneira que a proclamação da Republica se fez sem sangue.

O almirante Aznar era reconhecido como um caracter conciliador mas energico. Por isso, o rei Affonso o chamou ao poder para ser o primeiro ministro da Hespanha. O almirante Aznar verificou que a onda republicana avançava e por isso cedeu o logar á Republica.

Ainda fardado de almirante, Juan Bautista Aznar subiu ao Palacio do Oriente para conversar com o rei. O Ministerio formou-se, mas durou apenas quinze dias, porque a Republica foi proclamada na Hespanha.

A FESTA

FORAM-SE as novenas, entraram os fogos. As novenas são o prologo dessa feira de amores que todos os annos — com mais ou menos pompa — se exhibe ao ar livre, na larga praça, onde em marmore assentaram, e lá se deixou ficar, S. Excia. o Patriarcha Chefe.

Como sempre, concorrencia colossal: no imperio e no coreto, no barracão e nos amplos arruamentos do jardim.

E' a festa tradicional do povo, o regabofe por excellencia a que ninguem quer faltar, embora o frio aperte ou joeire a chuva gottas de humedecer a roupa.

A's oito horas, já a animação é grande e a difficuldade enorme em furar-se por entre o ondear da multidão, que se alastra e se agita como se estivesse no *sport* de desentorpecer as pernas. E isso é que é bom, e isso é que anima. Quanto mais balburdia e mais reboliço, melhor.

De tudo se encontra e se vê. Boccas vermelhas, com sorrisos festivos, e testas franzidas com amuos e desesperos. Travessuras do deus vendado, que por ali cabriola. Esse endiabrado é — como se sabe — para onde lhe dá. Tanto nos leva por estradas floridas, como nos prega cada maçada... de dar costas e não voltar para traz! . . .

Em toda a parte, — em caras e *toilettes* — a variedade é completa. *Tailleurs* de casimira cara roçam costumes de lã barata, da mesma fórma que lindos rostos se emparelham com medo que a *feiura* pegue!

Aqui são bisonhas roceiras, com seus lacinhos de fitas, acotovelando-se com desembaraçadas mundanas, que vão dando trela a todos, com indignação de matronas, que de rabinho de olho armado, estão a cuidar dos maridos: — Não vá o peccado trazer alguma complicação ali... Mais adeante, enrugadas septuagenarias, — reliquias do passado, — com bochechas papudas e beiços que parecem pias d'agua benta, grazinam, ralham, recommendando proposito aos netos, — manhosas creanças, — que choram por gulodices, esfregando as mãos pelas calças e saias dos paes, que ali estão vigilantes, no seu dever profissional, a observarem — fingindo não vêr o *flirt* das filhas!

A mocidade — essa doidivana de todos os tempos — em bando, gira, em evoluções e bichas colleadas, dando encontrões e recebendo o troco em termos de humor bravio. Sabe ella que aquillo é desfructavel, mas vae seguindo sempre, a requebrar-se, a acotovelar-se em despreoccupada alegria — divertindo a poucos, aborrecendo a muitos. E a tudo isto — com o amor servindo de instructor — meigos sorrisos e miradas doces cruzam-se, batem-se com denodo, como se estivessem em combate de carga cerrada. Epigrammas e trocadilhos, — quentes e agudos — andam nos ares, fazendo fusão com o sussurro da populaça, com a vibração das fanfarras, com as piadas dos leiloeiros, que, de palanque, vão desdobrando eloquencia, fazendo reclamos, procurando collocar pelo mais alto preço as offertas, — presentes de devotas em occasião de aperto...

A festa é sempre isto. Foi assim, é assim e ha de ser sempre assim. A gente muda, ella não. O que se fez no passado, faz-se no presente e ha de repetir-se no futuro, com pequenas variantes.

Já que estamos na folgança, sejamos folgasão e não percamos a opportunidade — de ver e flanar, ouvir e observar.

*
* *

Logo ali, dois passos á frente, está um galhardo mancebo digno de ser registrado em nota:

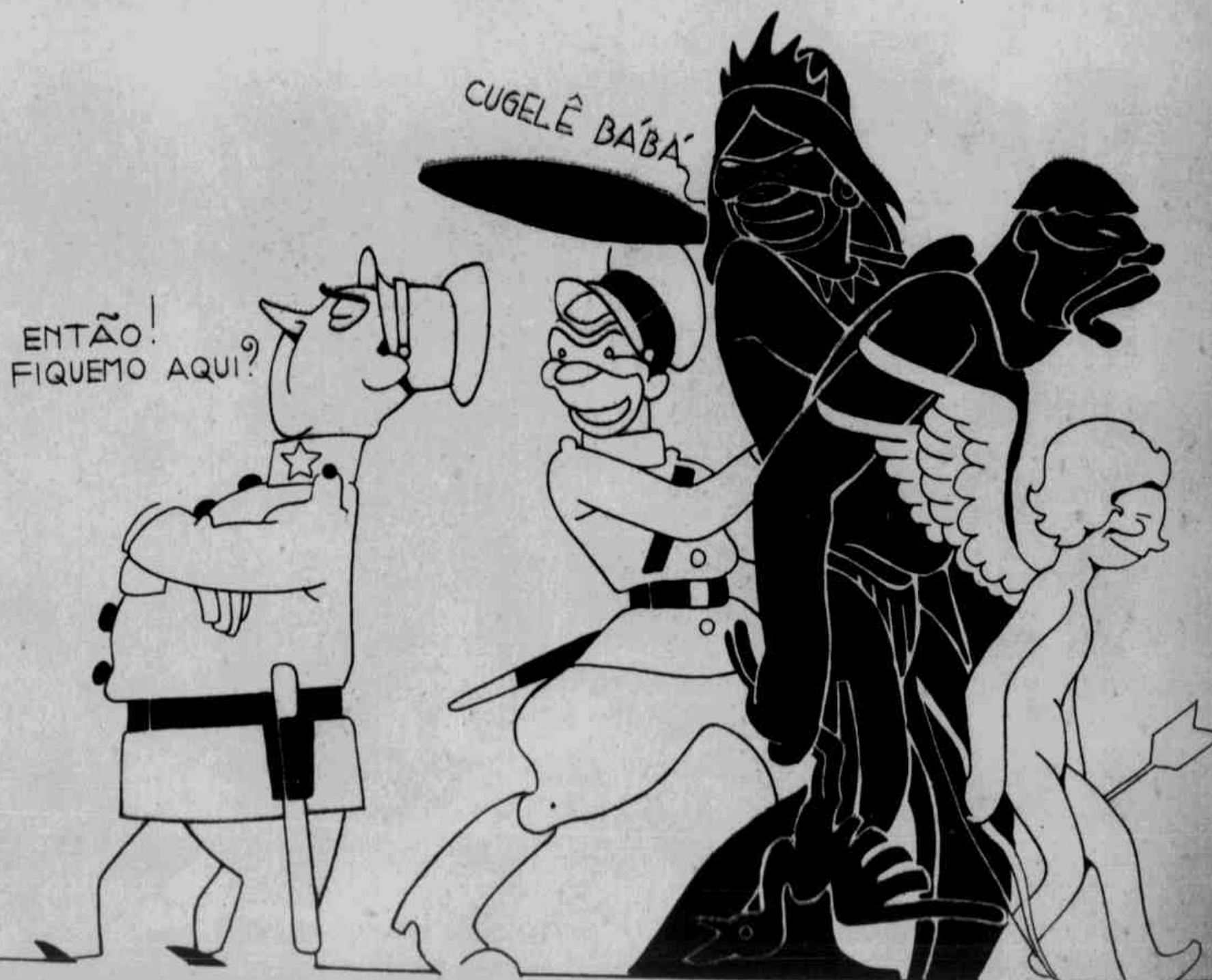
Typo caracteristico do estudante cábula. Primeiro anno de Direito, — mas segundo dizem — anda a estudar torto! Nega, — affirmando que, se foi reprovado tres vezes, a culpa não cabe a elle e sim á incapacidade dos lentes, — que lhe perguntaram cousas sem importancia... a que não valia a pena responder...

Elegante, airoso grande gravata e grande *pince-nez* de tartaruga encavallitado no osso narigal. Desempenado de cara e de corpo. Cabeça erguida, olhar flammante e gesto largo que invejaria qualquer galã novato. Fala. Vamos ouvir o tinido das perolas que lhe estão a rolar da bocca arqueada e fina:

— Está de bom effeito: a *mise-en-scène* agrada. O Imperio, com seus pontos luminosos, evoca uma noite velada por agonizante luar. O resto, — é a historia de sempre: — pasmaceira e semsaboria idiota! E' o que se pode chamar falta de linha e burguez...

E com *pose deitava* o olhar a ver se pro-

Pouca roupa

Accusadas de attentarem contra a moral nas te trajadas, quasi todas as figuras que

DO DIVINO

duzira effeito a eloquencia externada com a phraseologia do escolhido repertorio, — quando de leve sentiu, que, sem cerimonia, lhe puxavam pela aba do casaco. Virou-se logo e as faces carminaram-se ao ouvir o chamado familiar, que por entre dentes lhe dirigia uma dessas artistas do quitute, — azevichadas *grisettes*, — que com grande pratica lidam com caçarolas e panellas:

— Vem cá, amorzinho...

Disfarçado, acompanhou-a, e, ao chegar ao lado da Egreja, — onde a claridade era dubia — com cara de quem arrancou dois dentes apostrophou:

— Tu és teimosa, Benedicta. Já te observei que a gente se pode gostar sem comprometter-se nem cahir na bocca do mundo. Quando estivermos ao lado de familias... não me deves conhecer.... E a Benedicta, desaforadamente, mostrando as *cangicas* que em cor e belleza fariam inveja a muitas brancas:

— Ora deixa-te de partes e passa os cobres p'ra cá. Metteu a mão no bolso e de lá tirou uma nota:

— Pega cinco. Foi o que pude arrancar do *velho*. Fico só com umas pratas meudas para o bonde.

Deu-lhe a nota e as costas e, impavido, de fronte erguida e passo de vencedor nunca vencido, foi atravessando sorridente pelo meio da multidão... como se regressasse da conquista da victoria... e não da Benedicta!...

*
* *

Por traz de mim, dois senhores da atrazada escola, cavaqueiam em amistosa palestra:

— E' como lhe digo: — isto está cada vez mais por baixo. O decôro vae-se afundando aos palmos. Mire-se neste espelho: — quando hoje se casa um individuo, não tem mais mysterios a desvendar. Está tudo conhecido. Ao desempacotar a noiva na noite nupcial, já sabe — pela altura do vestido e pelo decote que usa — que as curvas arredondadas onde param as meias têm tantos centimetros de circumferencia, e que, afóra o signal que possue nas costas, ainda conserva, ao lado do seio, a cicatriz do furunculo que lhe nasceu em pequena!

— Que quer você? A moda manda encurtar tudo: — as calças dos homens e as saias das mulheres...

— Pois podem limpar a mão á parede com a tal moda. Ao encontrar-se na rua uma mulher e ao mirar-se a tunica transparente que a envolve, fica-se na duvida — se se deve tirar o chapéo com respeito ou piscar-lhe o olho com malicia... Olhe para aquella que ali está! Quem ha de suppor que é a esposa de um homem ponderado, um respeitavel chefe de Repartição? Em cima, — o que se vê: — uma cara já sellada com as pregas da idade, e em baixo, — uma menina de saiote até quasi aos joelhos! Repare e diga se isto é ou não irrisorio? Com aquelle frontispicio e não ter escrupulos de pôr á mostra o que a decencia manda que se traga occulto...

— Vamos por bom caminho, não ha duvida. De repente os figurinos decretam e péga logo o uso de andarem mães e filhas de *maillot*.

— Não adeantam nada. O que tinha de se ver, está visto. O que ainda trazem occulto — atravez do sol — com o banimento das saias, fica tão patente que só não vê quem é cego.

— Homem, sabe que mais? O melhor é cada um cuidar de si, que não faz tão pouco.

— Tem razão, tem; não somos palmatoria do mundo, e mesmo aconselhar mulheres é prégar no deserto: perde-se o tempo e o latim...

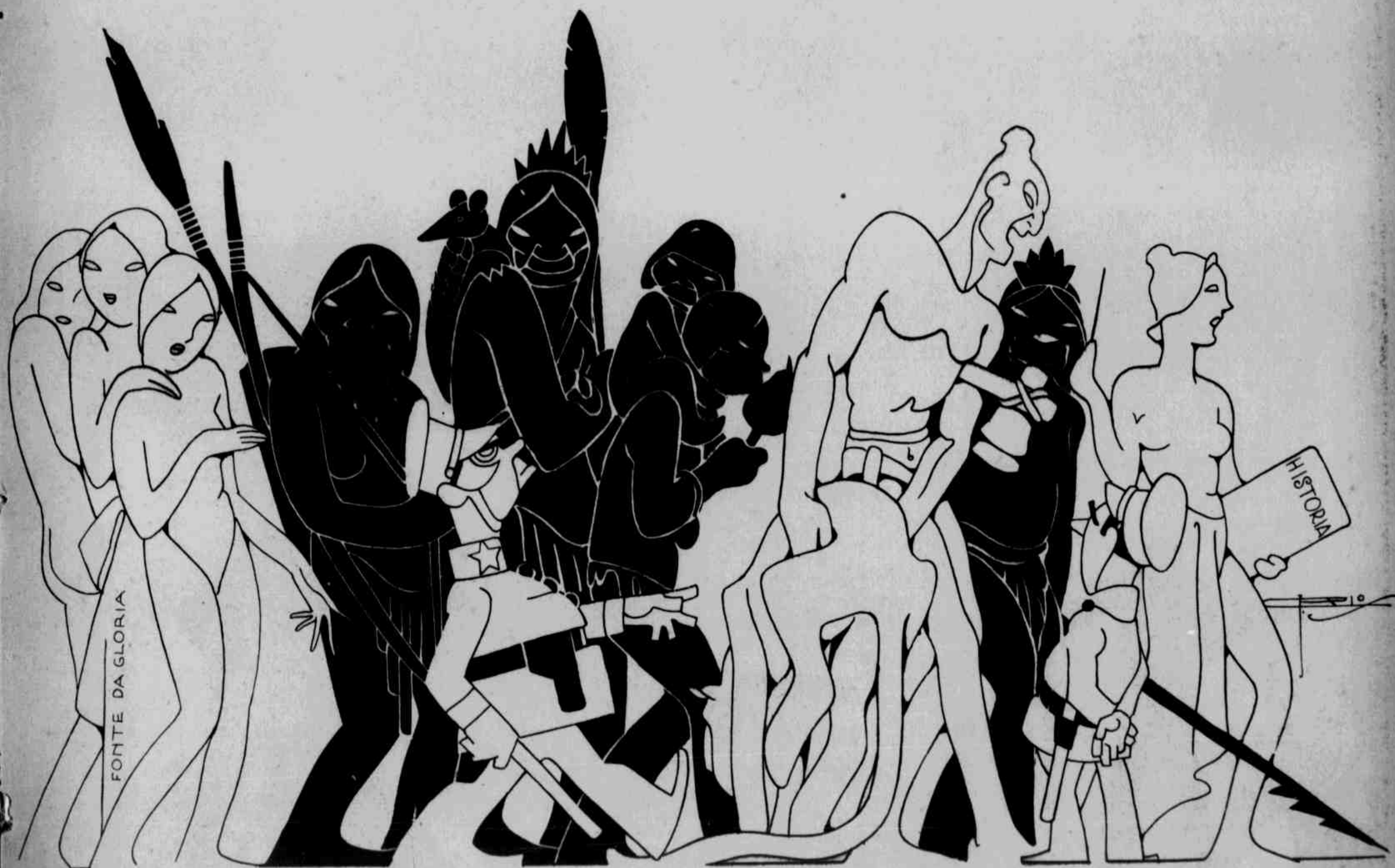
*
* *

Mais adeante, outro especimen, outro genero que se encontra em toda a parte. Ser moço bonito, — é o seu fraco; farejar — sua occupação! Anda á cata de bom partido e isso dá trabalho e traz canceira. Metteu-se-lhe na cabeça ter posição sem jogar na loteria, — e ha de conseguir. Ha tanto pé de boi, podre de rico e com herdeiras que ainda estão por collocar... Não é exigente: — não se preoccupa com idade nem belleza. Conserve-se a burra do pae de boa saude e bom peso, e tudo vae ás mil maravilhas!...

Está com cara lastimosa na confidencia que está fazendo ao intimo, — official do mesmo officio:

— Vês a que ponto chega o caiporismo? Encontrei a tal de que te falei. De perto não assusta, não é das peores: uma carinha de boneca com olhinhos de gata amimada. Mas não é disso que se trata e sim da cavação, — que era supimpa. Imagina: — dezoito annos e dois

(Continúa no proximo numero).

Areimor

*praças publicas, por não estarem decentemen-
ornam os monumentos da cidade fo-
ao districto.*

Da terra dos outros

O PRINCIPE Augusto Guilherme, quarto filho do ex-kaiser e partidario da causa fascista allemã, foi preso pelas autoridades policiaes durante uma balburdia promovida pelos fascistas na cidade de Koenigsberg. O Principe pretendia tomar um trem com Joseph Goebbels, tenente de Adolph Hitler, quando começou o disturbio. A policia teve de fazer frente a 800 fascistas que foram afinal dominados.

A CONFECÇÃO de presuntos de fumeiro — daquelles presuntos de fumeiro excellentes que provêm do condado de Warwick—constitue a principal tarefa deste açougueiro inglez que aqui vemos. E' uma das personalidades mais conhecidas da cidadezinha de Knowle, situada naquelle mesmo condado a respeito do qual já falámos. Além de ser açougueiro, é tambem o chefe do serviço de extincção dos incendios da cidade. Mister Willie Mullard, quando é notificado de qualquer incendio, larga os saborosos presuntos de fumeiro, apanha extinctores chimicos de fogo, convoca a população util e moça de ambos os sexos, e arruma-se caminho afóra para apagar o incendio. E' inutil dizer que da mesma maneira que fabrica excellentes presuntos de fumeiro, da mesma maneira debella rapidamente incendios. Mister Willie Mullard merece os applausos da sua communidade, que conta apenas 300 habitantes.

JANE Elizabeth Whitelaw, de cinco annos de idade, com sua mãe, a Senhora G. S. Whitelaw, photographadas em sua residencia num suburbio de Londres. A pequenina Jane foi declarada herdeira da maior parte da fortuna da Senhora Helen Hornby-Lewis, que deixou tanto quanto 10.000.000 de dollares. O pae da pequena Jane é um conhecido proprietario de cavallos.

SIR Hubert Wilkins, o conhecido explorador inglez, não só levará comsigo geladeiras para fazer gelo em pleno Polo Norte como levará tambem apparelhos emissores de luz artificial, para uma terra em que, no verão, ha sol durante vinte e quatro horas seguidas. O submarino "Nautilus" transportará tudo isso, porquanto o gelo é necessario para a preservação dos alimentos e a luz se torna necessaria ao navio. A photographia representa Sir Hubert Wilkins (á esquerda) examinando um desses apparelhos fabricantes de luz solar artificial, em companhia de Charles E. Wilson, vice-presidente da General Electric Company. Com Sir Hubert Wilkins, vae a bordo o neto de Julio Verne.

(International News Photos).

SPORT

Nas provas de domingo, o Gragoatá levantou o campeonato carioca. Venceram os campeonatos de classe o Guanabara e o Icarahy. Olivia Calvet, do Internacional, é a campeã do nado metropolitano.

Encerramento da temporada de natação do Rio

Campeonato Carioca de football

Dois instantaneos do encontro do Flamengo com o Vasco no stadium de São Januario. Venceu o Vasco pelo score de 7 x 0.

ESCOLA NORMAL

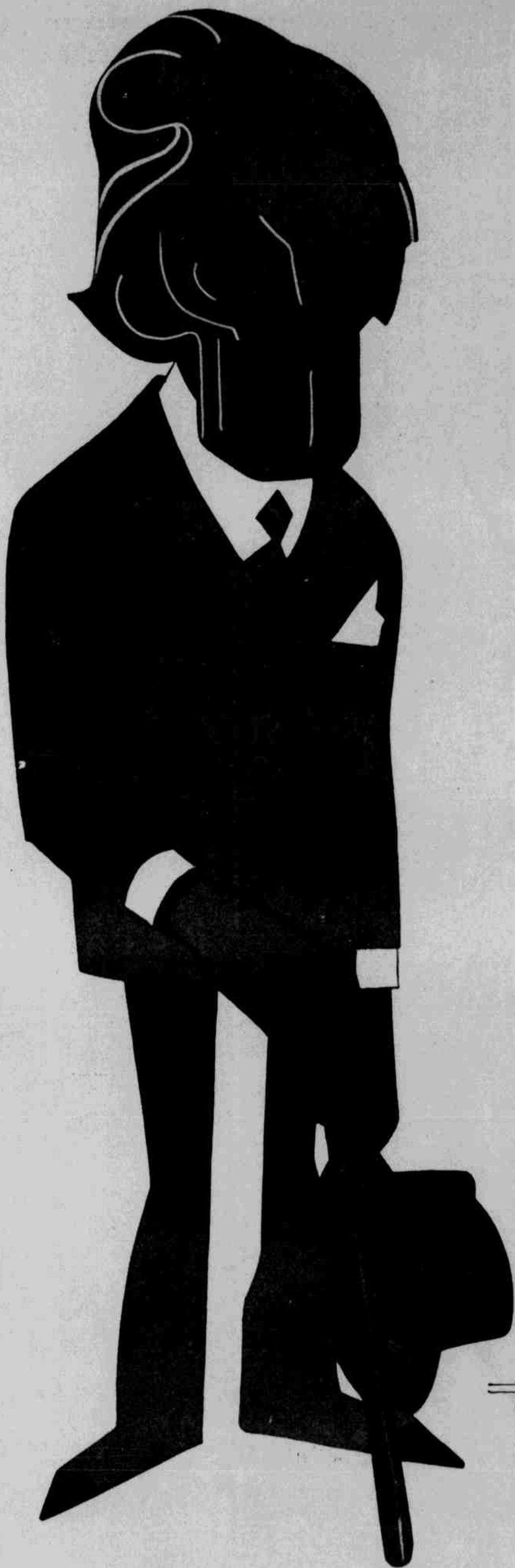
Alumnas da aula de gymnastica sob a direcção da professora cathedratica Margarida Frey.

No meio e em baixo: alumnas do 3º anno fazendo experiencias no Laboratorio de Physica, orientadas pelo professor Dr. Adalberto de Oliveira

Adolpho Bergamini

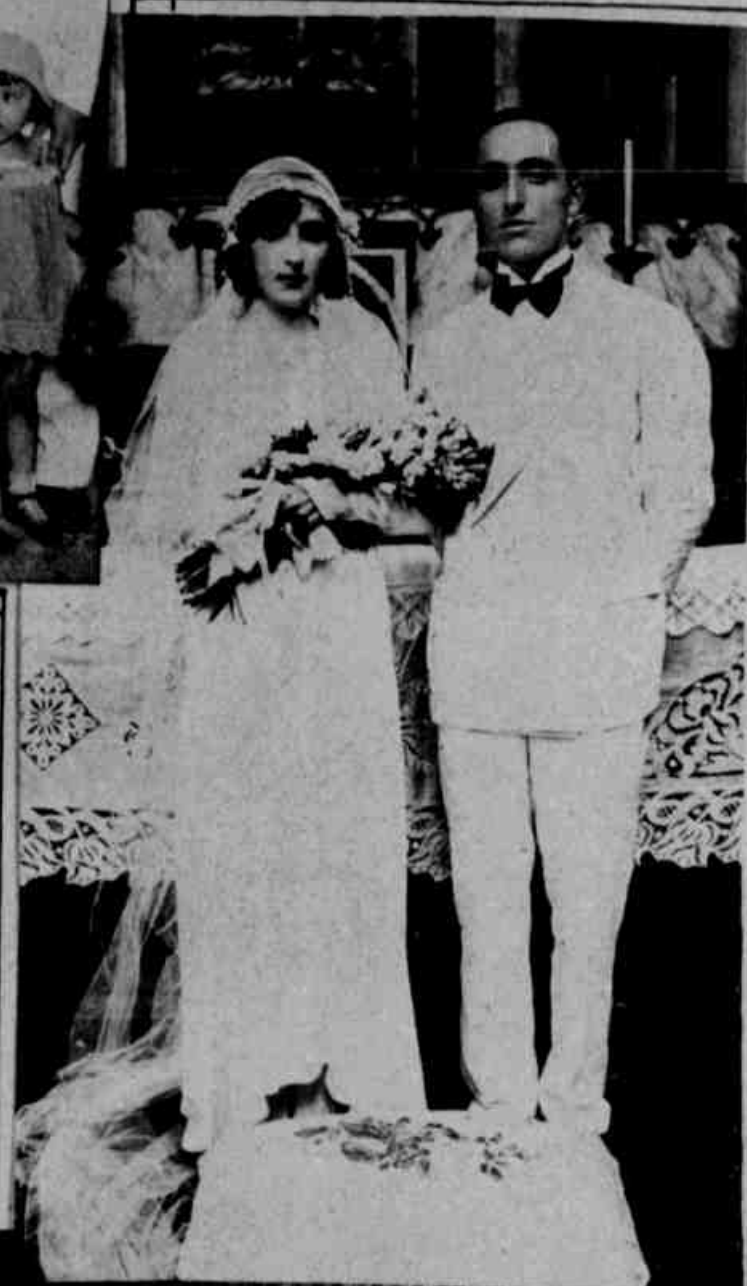
HA o livre arbitrio. Ha o determinismo. Não ha nada. Ninguem tem culpa do seu destino. Todos chegam ao mundo por descuido alheio. Até hoje, que eu saiba, só um recemnascido pôde verificar que não vale a pena nascer. Aquelle de Villiers de l'Isle-Adam. Poz a cabeça de fóra, viu, torceu o nariz, disse: — Como? É isto a vida?! — E entrou de novo. Os outros sempre ficam. Pelo menos sete dias. Em geral mais. Formam em grande numero, desde o incidente do Paraiso Terrestre, a chamada Humanidade. Adolpho Bergamini foi dos que ficaram. De cabeça romantica, corpo magro, sorriso triste. Coisas exteriores que lhe dão a suave apparencia de um musico do tempo de Chopin. Orador entretanto. Orador solto. Sem piedade. Musica com elle é de pancadaria. Ajudou a botar abaixo a republica que não era a dos nossos sonhos. Falou, falou, falou. Agóra está fazendo uma cura de silencio na Prefeitura.

ALVARO MOREYRA

Desenho de J. Carlos

A
mulher
de
quem
Deus
se
lembrou
GRETA
GARBO

C A S A M E N T O S

De Zilda Faria com Lincoln A. Machado

De Dulce Medeiros com Herminio da Silva Loureiro

Senhora Alcides Neves de Castro (Lucia Bastos) no dia do seu enlace.

MAX PAUER

Max Pauer, que o mundo musical do Rio tem applaudido, desde o outro sabbado, é um dos celebres pianistas da Europa. Já elle nos merecia muito por ter sido professor da nossa Ophelia do Nascimento. Mas a sua presença no palco do Municipal, iniciando a temporada Piergile, foi um caso sério. Esse rapaz de 65 annos tóca, sentindo, como se tivesse a idade em que toda a força parece pouca para ostentar a surpresa da vida. Cultura integral, technica sem defeitos, comprehensão maravilhosa e um poder de exprimir, com as mãos, com a mascara, com o corpo inteiro, as nuanças frageis e as violencias, — isso tudo e muito mais tornam Max Pauer um dos interpretes mais notaveis que o Brasil já escutou.

Em baixo:

na Urca, antes do almoço offerecido ao capitão Dr. Decio Palmeiro Escobar, ex-inspector geral das Guardas Nocturnas, pelos commandantes dellas.

Golfinho

A ex-Rainha da Hespanha

Como a cidade está cheia de campos em miniatura, aqui ficam dois modelos de trajes para o jogo.

E' a moda agóra em todo o mundo. Até na Asia. Até na Africa. E na Oceania. Aqui estão photographias de golfinhos europeus e americanos.

Em baixo: Mary Pickford e Douglas Fairbanks bengabolando

O Principe de Galles

Uma partida num campo feito em casa

Os jardins de Berlim

Madrid, Paris, Londres, Haya, Berlim. Isto em dois mezes, apesar das distancias. Estas, na Europa, salvam-se facilmente em aviões commodos, passagens que não são caras.

Por todo lado neve e mais neve. Inverno rigoroso foi o deste anno. Eu, porém, não senti até agora os rigores do frio. Uma reserva de calor, dizem todos, trago dos tropicos.

Penso que não é bem isso. As lutas de 8 annos consecutivos, tudo que vi e tudo que senti, me fizeram outro. Morto para a luta, absolutamente não, pois ella é meu elemento de vida. Mas insensivel ás materialidades e aos rigores do proprio tempo, isso sim. E é claro que o frio deste inverno na velha Europa, não me martyrisa em nada. Talvez tambem á boa roupa e ao bom capote companheiro.

Noto e noto triste, como os jardins de Europa são queridos das creanças. Cheios sempre, apesar do frio, apesar da neve. Bastante concorridos. Das janellas do meu appartamento aprecio diariamente o jardim da praça em frente. O velho Gymnasio, do outro lado, com um daquelles aspectos já conhecidos pelas photographias que nos enviam para as revistas do Brasil.

Um edificio escuro com algumas torres de estylo gothico.

Telhados alvos e um velho relogio no meio da fachada do torreão principal que teima em se conservar e apparecer preto a despeito da neve, parece um olho vigilante. De vez em quando, as horas, com uma sonoridade suave e melancholica, tão propria deste bom povo allemão, tão mystico, tão cheio de lendas, tão calmo e natural como calma e natural é a natureza a quem elle copia, soam. O inverno ajuda a que os sons sejam mais distinctos, mas tambem, não sei por que mysterio, mais suaves á nossa alma.

Nos jardins, de arvores seccas, as creanças brincam com bolos de neve, escorregam, cahem, gritam sem barulho, riem sem barulho, creando já uma alegria sã que se desenvolve conjuntamente com a robustez physica resultante dos seus movimentos ao ar livre, com o carinho das lendas do seu povo e com as lendas, talvez, do proprio edificio em frente, o velho Gymnasio de Fridenau que, como todos edificios antigos da Allemanha, terá a sua historia, terá a sua tradição cheia de Walkyrias, cheia de cavalleiros sem feitiços e sem macumbas. Cheia de muitas fadas, porém cheia de muitos genios.

Vendo isto lembro-me da minha terra. Aliás lembro-me todos os dias. Não sei viver fóra della. Mas lembro-me... onde os jardins? onde estão as creanças encanto da vida dos homens, onde estão as lendas?

Os jardins estão desertos, não sei por que aberração; as creanças estão nas fabricas; as lendas... as lendas, essas mettem medo. São lendas de pavor, com almas do outro mundo, com "macumbas", com "despachos" e muita coisa feia, feissima.

Assim mesmo, entretanto, gosto da minha terra. E' tão facil lutar-se, amar-se dentro do Brasil... Haverá manifestações mais bellas que estas para o homem? Para mim só existem ellas...

E continuo a lembrar-me do Brasil. De nada vale que eu esteja em Berlim, terra do amor, terra do culto ao nu. De nada vale que eu esteja na terra que possue a fama de ter as mulheres mais apaixonadas pelos latinos e pelos brasileiros principalmente; terra que é a terra da arte, da musica, da adoração permanente a Chopin...

De nada vale. O Brasil... o Brasil é minha Patria, é minha terra.

CABANAS

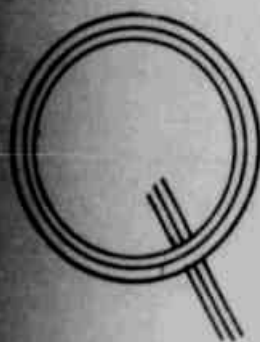
Berlim, 18 — 3 — 931.

AFFONSO XIII — **Rei no exilio**

(Desenho de Segisnando)

O LUZEIRO AGRICOLA

S.

(Conclusão do numero passado)

UE papalvo? que relatorio? inquiriu o ministro deslembrado.

— O que V. Excia. incumbiu-me de escrever.

— Quando?

— Haverá dois annos.

— Não me recordo disso, mas é o mesmo. Mande a papelada para o forno de incineração da Casa da Moeda.

Sizenando abriu a maior bocca deste mundo. O ministro comprehendeu aquella estuporação e sorriu.

— Então? Que queria V. que eu fizesse de 5.000 exemplares de um relatorio sobre a Beldroega? Que o puzesse á venda? Ninguem o compraria. Que o distribuisse gratis? Ninguem o acceitaria. Se é assim, se sempre foi assim, se sempre será assim com todas as publicações deste ministerio, o mais pratico é passar a edição directamente da typographia ao forno. Isso evita a maçada de preoccuparmo-nos com ella e tel-a por ahi a atravancar os archivos. Não acha V. que é o mais razoavel? Vá, retire os que quizer e forno com o resto.

— E depois, que devo fazer? indagou Sizenando, inda tonto do expeditismo ministerial.

— Escreva outro relatorio, respondeu sem vacillar o ministro.

— Para ser queimado novamente? atreveu-se a murmurar o poeta-inspector.

— Está claro, homem! Para que diabo despendeu o governo tanto dinheiro na montagem do forno? Está claro que para incinerar as notas velhas e os relatorios novos. Deste modo se conservam em actividade perpetua o pessoal da Imprensa, o do Forno e o dos Ministerios. Veja V. como é sabia a nossa organisação administrativa! A creação do forno foi a melhor idéa do governo passado. Antes delle a Imprensa Nacional vivia entulhada de impressos, a producção de relatorios, funcção capital deste Ministerio, periclitava, e era tudo uma desordem, um desequilibrio capaz de induzir o governo á suspensão da Imprensa e do meu Ministerio. O forno sanou a situação. O *fervet opus* é magnifico, e a espada de Damocles foi arredada de sobre nossas cabeças. Hein? Vá, escreva outro relatorio, sobre... sobre... o carurú por exemplo.

Sizenando deixou o gabinete meditativo. S. Excia. derrancara-o!

Viu com dor d'alma as chammas no forno lerem aquelle relatorio tão bem acabadinho, tão de encher o olho... E sacou 6 mezes de licença com vencimentos, para descançar.

Exgottada a licença, ia Sizenando começar a pensar em se preparar para escolher o papel e a tinta com que relatasse o carurú quando o Dr. Grifado apeou da ministrança. Sizenando deixou que transcorressem mais 6 mezes, ao termo dos quaes se apresentou ao novo titular para lhe sondar a orientação. O novo ministro era um bacharel em sciencias juridicas e sociaes, ex-chefe de policia e tão entendido em agricultura como em archeologia inca. Mas lera uns numeros das "Chacaras e Quintaes" abeberando-se ali de umas tantas noções vagas sobre avicultura, polycultura, apicultura, criação de canarios, etc. Fez dessas *uras* o seu programma. No discurso de apresentação, ao empossar-se no cargo, emittiu os seguintes conceittos, louvadissimos pelos circumstantes, empregados do Ministerio na maioria e verdadeiras hortaliças em materia agricola.

— A monocultura, srs., é o grande mal; a polycultura é o grande bem; no dia em que produzirmos cebola, alho, batata, repolho, coentro, alpiste, alfafa, cerefolio, grão de bico, tremoço, quiabo, espargo, espinafre, alcachofra...

(Um arrepio de enthusiasmo percorreu a espinha dos assistentes, que se entreolharam gososos como quem diz: temos homem pela proa!)

... cebolinho, couve-flor, sorgho, soja amarella, centeio, aveia, figos da Thracia, uvas de Corintho, violetas de Parma...

— Bravissimo!

— ... violetas de Parma... violetas de Parma... violetas (caroço) e outros cereaes europeus (vermelhidão no rosto), a prosperidade nacional assentará num soclo granitico do qual não a arrancarão as mais rijas rajadas dos vendavaes economicos. Conduzir a patria a essa Chanaan da polycultura: eis a mira permanente dos meus esforços, eis o meu programma, eis o supremo fim collimado pela minha actividade. Espero, pois, que, etc., etc.

Palmas, bravos, guinchos, silvos e outros sons denunciadores dum enthusiasmo alçado a grão de ebulição estrugiram pela sala. O ministro foi abraçado, e beijado — nas mãos.

Aquelle salvava a patria, não havia a menor duvida!

III

O novo ministro da Agricultura era positivamente uma aguia, igual ás anteriores. A Praia Vermelha nunca foi poleiro, mas alcandora — sobretudo na opinião dos jornaes independentes, — que lhe publicavam os editaes.

Tinha programma. Visava confundir a rotina monocultora com demonstrações praticas das magnificencias da polycultura mechanica

Sizenando recebeu ordem de ir desempégar a centesima região do atascal da rotina. Aquella gente ainda

POR MONTEIRO LOBATO

vivia em pleno periodo da pedra lascada do café, e era mister tangel-a á estação aurea da polycultura, da avicultura, da sericultura, da criação de canarios hamburguezes, etc., preluzida no discurso do ministro.

Chegado á séde do districto, com sequito numeroso e abundante ferragem mechanica, Sizenando distribuiu convites para a inauguração dum curso pratico. Escolheu para campo de demonstração um "rapador" a um kilometro da cidade, onde. no dia emprazado, se reuniram os convivas. Veiu o prefeito municipal, o porteiro da Camara, o collector federal, o promotor publico, tres jornalistas, quatro professores, o director do grupo escolar com a meninada, o vigario da parochia, o fiscal da illuminação publica, o zelador do cemiterio, o carcereiro, um guarda-chave da Central, cinco inspectores de quarteirão, o delegado, o cabo do destacamento, e *um* fazendeiro recem despojado da sua propriedade por dividas.

A turma docente e os bois do arado formavam um grupo á parte.

Sizenando trepou a um cupim e pronunciou breve allocação sobre a personalidade sobre excellente do ministro e sobre o papel dos novos methodos racionaes na agricultura moderna.

— O novo methodo é baseado na sciencia pura. Vem dos laboratorios, de braço dado á chimica. Começarei pela exposição do arado ou charrua, a pedra angular de todo progresso agricola. Sr. primeiro arador, arado para a frente!

Despegou-se da turma um capataz que empurrou para perto do cupim tribunicio um bello arado de discos.

Rodearam-no os circumstantes como a um animal raro.

— Eis, meus senhores, um arado de disco. Esta parte se chama cabo; esta é a roda, serve para rodar; estas rodelas são os discos, servem para sulcar a terra; este ferrinho é a manivela graduadora; este pauzinho é o balancim. Aqui se atrelam os bois e cá toma assento o conductor.

Explicou depois o seu funccionamento.

— Vejamol-o agora em acção. Sr. primeiro conductor de primeira classe, atrelar!

Adiantou-se da turma um carreiro e tangeu os bois para a machina, jungindo-os á canga.

Os assistentes riram-se. Acharam graça no Thomé Pichorra que nunca fôra senão o Thomé Pichorra, carreiro, transformado em primeiro conductor de primeira classe!

Era de primeirissima!

— Sr. primeiro arador, arar!

O primeiro arador saltou á boléa e empunhou as manivelas. O primeiro conductor aguilhoou a junta de bois.

— 'amo Bordado! Puxa Malhado!

Os dois caracús moveram-se pesadamente.

A terra sulcada pelo ferro abriu-se em leivas. Sizenando exultou.

— Vejam, srs., que maravilha! Faz o trabalho de vinte homens além de que deixa a terra desatada, com grande receptividade para a meteororisação atmospherica, o que equivale a uma adubação copiosa.

Este pedacinho encantou sobremodo o zelador do cemiterio, que não conteve um sincero *muito bem!*

Sizenando agradeceu com um gesto de cabeça. O arado deu umas tantas voltas e emperrou. A banda de musica para disfarçar a entaladella requebra o *Vem cá mulata*. E terminou a primeira parte da demonstração.

A segunda consistiu no destorroamento e gradeamento da terra, feito com o mesmo apparato da primeira.

Havia primeiro destorroador, e primeiro gradeador. Um mimo de hierarchia!

Ao terminar, a banda zabumbou um tanguinho.

A terceira parte foi absorvida pelo plantio de cebolas, batatas, alho, alfafa e mais salvações nacionaes.

— Os senhores verão, concluiu Sizenando, que maravilhosa messe vae brotar, farta, deste torrão safaro e ingrato, só porque applicámos, summariamente, os processos modernos da cultura racional, os quaes centuplicam a producção diminuindo o trabalho. A machina agricola é a verdadeira alavanca do progresso!

— Protesto. A alavanca do progresso sempre foi a imprensa, contraveiu um jornalista cioso da velha prerogativa.

— Será, retrucou Sizenando, mas se uma, a mprensa, alçaprema o progresso mo al, a outra, a machina agricola, alçaprema o progresso material!

— Bravissimo, rugiu o zelador do cemiterio, inimigo pessoal do Zé Tesoura, isso é que é!

— Sim, senhor, muito bem, grunhiram outros.

Capistrano, rubro de goso pelo feliz successo da tirada, espichou o dedo para a philarmonica, pedindo o hymno.

A banda escorchou a velha patriotada de Francisco Manuel. Desbarretaram-se todos. Capistrano, erecto sobre o pedestal de cupim, immobilizou-se em attitude de religiosa uncção, d'olhos postos no futuro da patria.

A' derradeira nota poz fim á festa com um escarlate viva á Republica com tres *r r* pelo menos.

Acompanharam-n'o, como um echo, o collector, o zelador, o agente do correio e mais funccionarios federaes demissiveis, além dos bois, que mugiram.

* * *

Mezes mais tarde procedeu-se á colheita. As cebolas haviam apodrecido na terra devido ás chuvas; os alhos vieram sem dentes, devido ao sol; as batatas não foram por diante devido ás vaquinhas; as outras "polyculturas" negaram fogo devido ás saúvas, á quem-quem, á geada, a isto e a mais aquillo.

Não obstante, seguiu para o Rio um soporoso relatorio de 300 paginas onde Capistrano entre outras maravilhas dizia: "Os resultados praticos do nosso methodo demonstrativo *in loco* têm sido verdadeiramente assombrosos! Os lavradores acódem em massa ás lições, applaudem-n'as com delirio e, de volta ás suas terras, lançam-se com furor á cultura poly, em tão boa hora lembrada pelo claro espirito de V. Excia. O sr. ministro pode felicitar-se de ter aberto de par em par as portas da idade de ouro da agricultura nacional."

Os jornaes transcreveram com gabos estes e outros pedacinhos de ouro. E o sr. Affonso Celso, consta, encheu-se de mais um bocado de ufania pelo seu paiz...

A cruzada contra a felicidade

POUCA gente tem noticia dessa estranha cidade de Sapotysal, perdida nos sertões do Pará, completamente isolada do que chamamos civilização e indifferente por completo á nossa existencia. Para Sapotysal não ha Brasil, não ha Estados Unidos. A Europa é para os seus habitantes mais eruditos um capitulo de Historia. Todas as conquistas mechanicas do nosso seculo vão quebrar-se, num éco perdido, contra a doce indifferença de Sapotysal, que as aproveita ou não, conforme lhe parece.

Não é apathia, porém, nem preguiça. E' felicidade. Pelo menos, foi essa a minha impressão quando aportei, quasi sem querer, áquelle mundo novo, inedito, afogado no verde desaforado da floresta. Tres ou quatro viajantes que, como eu, casualmente visitaram Sapotysal, são de igual parecer.

Essa população desconhecida, quarenta ou cincoenta mil almas, pode ser chamada sem favor a mais ordeira do mundo. Tudo lá está organizado, medido, ajustado, pesado. Sapotysal não conhece a agitação, a angustia, o sonho, a intranquillidade. E' a terra que não tem surpresas. Tem a mentalidade de tal forma feita que a coisa mais espantosa do mundo não lhe causa mossa. Era esperada. Sem pressa, sem preoccupação, sem temor.

Conheci o homem que levou até lá o primeiro automovel. Era coisa para bcqueabrir qualquer população em caso identico, habituada apenas ao carro de bois, á carroça e ao boi-cavallo. Pois não foi. O automovel penetrou na cidade buzinando. Gallinhas fugiram espavoridas. Um boi fechou a carranca, desconfiado. Cavallos á solta empinaram-se nas patas trazeiras, crina ao vento. Mas a gente, mesmo, não se perturbou. "Ah! era aquillo?" E approximou-se, mediocremente interessada, como se Sapotysal contasse ha muito tempo com as varias agencias de automoveis que enchem todas ás cidades do mundo com as suas disputas e a sua propaganda.

Um dos moradores da terra contou-me que, semanas antes, voara sobre a cidade um grande passaro, de muitos metros de comprimento, roncando lá no alto como se em vez de coração tivesse no peito um grande motor de centenas de HP.

— Não será o tal aeroplano? perguntou-me.

Não ha aeroplano, automovel, radio ou Zeppelin que espante Sapotysal, por mais em desaccordo que surja com os seus habitos, idéas e conhecimentos.

Um bondoso velho que lá conheci explicava-me que tudo era de esperar do espirito humano. O homem trabalha, pensa, experimenta. Vence; progride. Não seria de maravilhar que um dia se pudesse transportar automaticamente, em poucos segundos, através de milhares de kilometros, que fosse á lua, que se mantivesse parado no ar contra todas as leis da natureza. Tudo era possivel. Tudo "aconteceria"

\+ + +

Surprehendeu-me, acima de tudo, a tranquillidade com que decorriam as coisas em Sapotysal. O trabalho, o estudo, o amor. Para os seus habitantes o trabalho, aliás pequeno, é; mais do que uma obrigação, um prazer. Nunca vi trabalhar-se com tanto amor, com tamanha alegria. Não ha memoria da reprehensão de empregado algum. Lá nunca se faltou ao serviço, nunca se chegou tarde, nunca houve desleixo. Ao fim do dia está tudo em ordem nos escriptorios, não fica um papel sobre a mesa, e ninguem deixa para o dia seguinte, consoante o velho brocardo, o que hoje pode fazer.

As escolas são concorridas. Não se falta ás aulas, não ha cabuladores, nunca se collou nos exames. Quem não sabe, prefere confessar, coisa aliás muito rara, porque em Sapotysal os intelligentes estudam menos, os desfavorecidos de massa cinzenta estudam mais, e na aula quasi todos têm na ponta da lingua o ponto do dia.

E o proprio amor. Transcorre sem soffrimentos, sem espectativas dolorosas, sem ciumes. Fulano gosta de Sicrana. Sicrana, fatalmente, dá pela coisa, concorda e casa-se. Se é Sicrana a primeira a gostar, dá-se operação analoga. Fulano percebe, corresponde e casa-se.

Em Sapotysal não ha o "outro". Nem antes, nem durante, nem depois do casamento.

E assim é tudo.

Lembro-me de ter admirado, na praça principal, um palacete magnifico.

— De quem?

— De Orestes Sapoty.

— O prefeito?

— Não. O autor das "Flores do Matto", dos "Poemas Conjugaes" e "Vontade de Morrer"...

— Poeta?

— O nosso maior poeta.

— Rico assim? Alguma herança, algum bom casamento, com certeza...

— Pelo contrario. Pobrissimo. A casa foi offerecida pelo povo. Ganhou varios premios. Tem uma pensão do governo...

— Tambem, é o unico poeta nessas condições, commentei. Os outros morrem de fome, não?

— Todos têm uma pensão official. Os poetas, os pintores, os musicos...

Fiquei assombrado. Indaguei melhor. Era verdade.

Fui ao bairro operario. Casas limpas, ruas largas, molecada alegre, cantarolando.

Perguntei pela Cadeia. Pela Academia de Letras. Pelos "cabarets". Não havia...

Os enterros são feitos por conta do governo. Os medicos, apenas dois, trabalham na lavoura. Appareceu lá certa vez um facultativo bahiano que, por mais que citasse nomes gregos de enxaquecas vulgares, não conseguiu adoecer ninguem. Clima excellente, gente de boa fé, habitos sadios. Uma verdadeira Chanaan. Em logar de Santa Casa solemne, apavorante, encontrei apenas um modesto Prompto Soccorro para accidentes no trabalho. Entrou em grande agitação alguns mezes antes da minha chegada com um braço deslocado num campo de futebol, coisa rara, pois em Sapotysal corre-se com extremo cuidado, olhando onde pisar e evitando cascas de banana, rarissimas, e tocos de pau, ainda mais difficeis de encontrar. Casca de banana é para o lixo... Toco de pau a gente arranca...

Assisti, a proposito, a um episodio interessante. Garotos brincavam no largo. Pega-pega. Corre daqui, corre dali. Era perseguido um rapagão veloz. Subito, elle pára.

— Alto!

O pegador detem-se. E o rapagão cata, com escandalo collectivo, um caco de vidro que se apressa em enterrar, recomeçando, só depois, a carreira.

\+ + +

Instincto de jornalista de horas vagas, ao deixar Sapotysal lembrei-me de procurar o grande poeta da terra. Devia ser curioso. Afinal, neste nosso espantoso Brasil, era o primeiro poeta a viver exclusivamente do seu genio. Não vivia de expedientes, não fazia reportagem policial, nem figurava na folha de pagamento de differentes emprezas ás quaes fretava a pena para propagandas escusas.

Orestes Sapoty, no meu pensar, devia ser um Conselheiro Accacio do sertão. Careca, barbudo e lyrico. Devia respirar optimismo por todos os póros, Marden caboclo bem nutrido, a decantar as delicias do hymeneu, as alegrias da paternidade, o amor á virtude. E a sua obra havia de estar cheia de hymnos á natureza, ao Creador e aos poderes constituidos. Tudo isso na mais brasileira das adjectivações.

Falei ao meu hospedeiro sobre o assumpto. Descrevi-lhe a obra e o typo de Orestes Sapoty, conforme os imaginava. Admirei-me, porém. de vel-o abrir uma bocca do tamanho da porta e rir gostoso e alto.

— O Orestes? Muito boa!

E contou-me que, pelo contrario, Sapoty era um poetinha miudo, nervoso, esgrouviado, muito feio, e distinguira-se, não pelo lyrismo, pelo optimismo e pela exuberancia da forma e dos sentimentos. Nesse estylo eram os outros poetas. Elle, não. Era um humorista, um formidavel humorista, um grande pandego.

Não me conformei. Como assim? Pois um humorista era o poeta laureado de Sapotysal? Poeta laureado é sempre um cavalheiro solemne, de bigodama, defensor do bem e das instituições. Mas o amigo explicou que estava justamente nisso a originalidade de Orestes Sapoty...

\+ + + Começou a chegar gente. Amigos para a cavaqueira de toda noite. Ao mencionar-se o nome de Sapoty o riso afflorou a todos os labios. Um riso de sympathia, de respeito, de gratidão. O grande Orestes! E o riso transformava-se

(*Termina no fim do numero*)

O R I G E N E S   L E S S A

Praga...

JA' QUE VOCÊ FOI TÃO RUIM,
SAHIU ASSIM,
NEM ME BEIJOU!
EU PEÇO A DEUS VOCÊ NÃO DURMA
A NOITE TODA,
TODA INTEIRINHA,
TENDO SAUDADE E MAIS SAUDADE,
SOFFRENDO BEM!
PENSANDO EM MIM!...

FLAVIO DE ANDRADE.

Theatro

Elisa Carreira

Em cima, á direita: Adelina Fernandes

No centro: Beatriz Belmar

A' direita, em baixo: Auzenda d'Oliveira

Actrizes da Companhia Portugueza de Revistas José Climaco que está no Theatro Republica

(Photos de los Rios)

S. Paulo

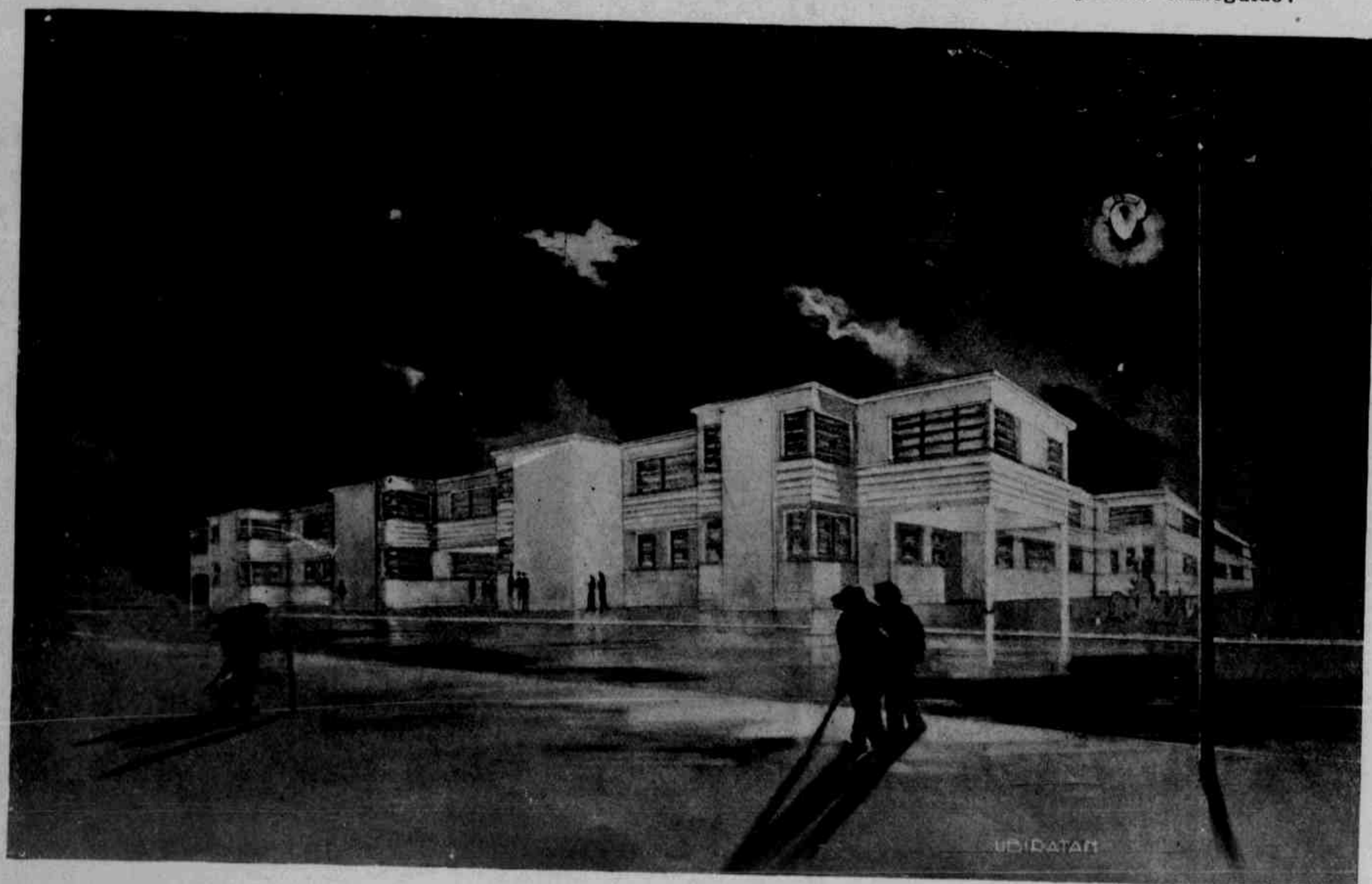
Em cima: num intervallo do baile de anniversario da Associação dos Funccionarios de Bancos.

No meio: o afamado trio André Carazza-Edmond Blois-Aristides de André, que conta com as maiores sympathias em todo o Estado.

Em baixo:

O primeiro albergue nocturno do Rio

O primeiro albergue nocturno, moderno, no Rio de Janeiro, vae finalmente ser construido, graças á iniciativa do Sr. Lindolfo Collor, ministro do Trabalho, e o Sr. Seraphim Vallandro, presidente da Associação Commercial.

O plano dessa construcção já está traçado. O projecto escolhido. As providencias tomadas, para que esteja prompto em menos tempo possivel. Os engenheiros-architectos patricios Affonso Eduardo Reidg e Gerson Pompeu Pinheiro foram os autores premiados do projecto de que damos aqui uma photographia. Como se vê, sobrio de linhas e magestoso no aspecto geral, o projecto desses nossos architectos bem merece o premio conseguido.

Ensopado de mocotó

de uma barricada immensa, ministros, soldados e povo ululavam de punhos cerrados. Então Jeremias I estre-
munhado e fugitivo dizia para seus botões: — Não como mais ensopado de mocotó.

de Elegancia

UM bando de dias agradaveis. De quando em vez, ainda o sol um pouco quente nos traz reminiscencias do calor. Mas o aspecto da cidade está modificado. Aproveitam-se, comtudo, os vestidos de fim de verão. Basta que a temperatura o permitta e os tecidos claros, brancos, amarellos, azues ou rosados surgem envolvendo o corpo das moças, deixando-lhes, porém, os braços de fóra.

O que se começa a ver mais continuamente é a silhueta outomnal. Jaquetas e casacos a tres quartos, costumes e vestidos de "kasha" leve, de leve "tweed", de seda ou de lãzinha guarnecidos de "astrakan", de "agneau rasé", de pellucia brilhante.

Começam as nossas melhores casas de modas a expôr as novidades de inverno. As vitrines estão, assim, interessantes porque inteiramente renovadas, e attrahentissimas pelo bom gosto dos modelos. Como em Paris, predominam as tonalidades escuras: o verde sombrio, o "beige" quasi vinho, e o preto, principalmente.

Aqui e ali, um ou outro vestido branco, bem sport, a lembrar que o sol do Rio de Janeiro e o azul forte do céo admittem, mesmo em dias frios, taes extravagancias, comtanto que se complete essa idéa primaveril com um casaco amplo de jersey de lã marfim, uma jaqueta de velludo de lã vermelha ou azul electrico, ou um "manteau" de flanella creme, bem cintado.

Redfern, Germaine Lecomte, Paquin, Premet, Blanche Lebouvier, Patou provocavam elogios, na ultima tarde de quinta-feira, pela excellente representação de vestidos expostos na "A Imperial". De um lado, um costume verde-azul, de velludo-kasha, casaco a tres quartos, blusa de "georgette" drapeado e saja "en forme"; mais para a frente, um "trois piéces" elegantissimo — saia de "drap" preto, blusa côr de ferrugem com estamparia preta e jaqueta curta de "poulain" preto; depois, um "manteau" de "drap" preto guarnecido de "astrakan", o "manteau Ford", de tanta popularidade no ultimo inverno parisiense, e tão "chic". Na vitrine da esquerda, num "pêle-mêle" artistico, perfumes de Lanvin, de Chanel, de toda essa gente de terra civilizada, que inventa a moda dos trapos, e cria com rara felicidade, o "cheiro" que convém a louras e a morenas. E ainda: um "tailleur" de velludo de seda preta, casaco curto e todo orlado de "astrakan"; um costume de vel'udo inglez verde sombrio, um "tailleur" de velludo "marron", bolsos, punhos e capinha de castor... O Sr. Simões informa que, lá dentro, ha mais, e a mais linda das collecções de vestidos de "soirée"... Já me dispunha a entrar quando alguem me bate delicadamente no hombro: Léa Azeredo da Silveira. Troca de amabilidades, impressões da montra que nos está á frente, e ella me informa que, com Rosetta Costa Pinto e Nênê Baroukel, fundou um curso de canto e declamação; que a festa de abertura foi esplendida. Compareceu o alto mundo carioca: Anna Amelia Carneiro de Mendonça, senhora Santos Lobo, senhora e senhoritas Ruy Barbosa, senhora Octavio Milanez, senhora Gabriel Bernardes, senhorita Dora Bevilacqua, senhoras: Nair Azeredo Mentges, Heloisa Mastrangioli, Piergili, Manon Bandecke, Felippe Leal, Gastão Penalva, Aureliano Amaral, Porto da Silveira, Paes Leme, Pinto Guimarães, Lodari, Roxo Eschmann, Machado Coelho... E outras, muitas mais.

....

Eros Volusia, a linda garota filha de Gilka Machado, estreou, como dansarina, no João Caetano, em vesperal em homenagem ao Dr. Adolpho Bergamini. Do que vale a arte da pequenina artista disseram, em unisonos elogios, os nossos acatados criticos. E a linda Eros deve estar tão contente quanto Gilka Machado, que é, sem favor, um dos mais vibrantes "poetas" da geração contemporanea.

....

Em alguns dos figurinos desta pagina as leitoras notarão, com agrado, a volta do escocez, que, se é gracioso em lã fina, ainda o é mais em seda, sobretudo a vegetal, cujas cores, variadas e misturadas no mesmo tecido, não trazem hoje, como antigamente, o receio de que descorem com o tempo ou pela exsudação. E "Indanthren" anilina que as fabricas importan-

Berilo Neves, que acaba de publicar a terceira série de "A Costella de Adão", tem, no prélo, "A Mulher e o Diabo".
Benjamim Costallat escreveu "Katucha".

....

Figuram tambem nesta pagina: um canto com armario embutido na parede e adequado a "bibelots" e livros; e uma janella guarnecida de cortinas de renda finissima e reposteiros de "damassé". Uma e outra coisa tambem se encontram na casa Albino Barros & Cia., e cortinas, como estofo de moveis podem ser feitos com os tecidos tintos por *Indanthren*.

SORCIÈRE

tes de todo o Brasil está adoptando, é que afiança tal resistencia.

....

Entre outros, estão aqui: um modelo de "manteau" de velludo de seda verde guarnecido de "vison"; "ensemblé" de lã verde, saia com recortes, jaqueta curta debruada de "taupe" preta, bolero, golla e "manchon" da mesma pelle; costume de lã azul marinho, casaco de recortes reincrustados, golla de "lynx".

....

Albino Barros & Cia., a casa de moveis que ha muito se installou na rua do Cattete, acaba de inaugurar uma loja na rua do Ouvidor 133. Sabem todos que os moveis fabricados por Albino Barros são confortaveis, bonitos, excellentes. Dahi o grande successo da firma. Na ultima semana, á frente da loja da Ouvidor, estava uma mobilia de quarto, para mocinha, em "laqué" rosa, delicadissima. Mais para o fundo, grupos magnificos, estofados de couro, de velludo, de seda. E, entre algumas mobilias de quarto e de sala de jantar, uma de imbuya, cujo maravilhoso trabalho merece elogios, e é de estylo "Renascença". Outra tambem de imbuya, — dormitorio — e de estylo "art-nouveau" Ambas foram adquiridas por um inglez que volta a fixar residencia em Londres.

Consola saber que a industria brasileira tem admiradores no estrangeiro, e nas capitaes onde a noção do luxo e do conforto é das mais intensas.

Ella, a industria brasileira, está de parabens. E a Casa Albino Barros & Cia. tambem.

....

Muito em breve teremos mais um livro de Ernesta von Weber, a apreciada autora do "O Brasil que eu vi".

RETRATOS A PENA

(*Conclusão*)

Advogado, fale ainda Spêncer: "Um facto de sua vida bastará para se lhe compreender, de relance, a firmeza do espírito, a impassibilidade deante do perigo e a noção do dever e da responsabilidade que nele actuavam, por fôrça do hábito, como por instinto. Procedia-se a uma divisão e demarcação de terras na comarca de Peranapanema. Ramalho seguia as diligências, como advogado de uma das partes. Era no tempo em que os indios, em ferozes correrias, atacavam os acampamentos, trucidando, sem piedade viajantes, engenheiros e camaradas. Certa noite, as sentinelas deram alarme. Despertaram todos, alvoroçadamente em grande alarido, sob tremendas imprecações e gritos de ansiedade. Ramalho, que dormia numa rêde, limitou-se a levantar a cabeça e saber do que se tratava.

— São os indios — disse alguém — que se preparam para atacar o acampamento!

— Isso não é comigo — respondeu êle, calmamente, tornando a estender-se na rêde. — Não foi para brigar com indios que eu cá vim.

Pôsto católico, foi mação fervoroso, não apenas ao tempo em que a maçonaria vivia de braços dados com a igreja, como ao depois. Afirmava uma sem razão as duas grandes forças não se continuarem a entender no terreno da caridade e do amor do próximo.

Na loja "Piratininga" de que foi fundador e veneravel teve os seguintes irmãos clericais: frei Vicente Ferreira, cónego Ildefonso Xavier, os padres Andrada Guimarães, Matias Valadão, Francisco de Assis, Fortunato José da Costa e Joaquim José Barbosa.

Não obstante monarquista, professava ideaes abolicionistas. Não consta, porém, que tivesse libertado os seus escravos, salvo o de que se dá conta adiante.

Homem empreendedor, o monumento do Ipiranga nasceu de sua iniciativa e levantou-se sob sua gestão.

Homem de coração, os lázaros e os orfãos mereceram-lhe a melhór parte do músculo ôco a que Claude Bernard quis arrancar a função gloriosa do sentimento. Mas sua bondade não ficava aí. Certa vez — conta M. Duarte de Azevedo, em seu necrológio, no Senado paulista, — um escravo fez-lhe um furto de quantia considerável.

Não o castigou. Não o advertiu, mesmo á vista do delito. Chamou o escravo infiel e disse-lhe:

— Não és meu amigo. Não posso continuar a conservar-te no meu serviço. Vae-te. Retira-te. Concêdo-te a liberdade.

Sua honestidade. Cada pessôa do tempo ilustra-se com um caso. Duarte Azevedo, com o apoio de Esequiel Ramos, refere-se ao negócio com Nothmann e Bunchard em que, após a simples palavra dada, mandaram oferecer a Ramalho mais 50:000$000.

— A escritura ainda não está passada — insistia o pretendente.

— Sei que, por direito, poderia arrepender-me. Mas para mim, para a minha consciencia, o terreno está vendido... — respondeu.

Belos tempos do simbólico fio de barba... Foram-se com a barba. O barão de Ramalho, Joaquim Inácio Ramalho, era também oficial da ordem da Rosa e comendador da de Cristo.

Do consórcio com d. Paula da Costa, já viúva do tenente Manuel José de Brito e com oito filhos, teve o barão duas filhas: dona Joaquina, casada com João Pinto de Castro, e dona Paula, com Victorino Caitano de Brito.

NOTAS:

(1) Não apenas Higienópolis pertenceu a R. A Vila Guilherme também. Seus herdeiros venderam-na por 80:000$000 a Guilherme Praunt da Silva, seu fundador.

(2) Declarou-se filho de pais desconhecidos no requerimento de matrícula á Academia. De facto. Ao autor foi facultado ver o inventário de Saquete, processado em Tatuí, em 1852. Lá está o testamento do próprio punho do Saquete. Declara-se português de Vila-Real, Pôrto, e solteiro. Reconhece comtigo 5 filhos, entre êles o barão. Deserda dois dêsses filhos — Cândido e Maria, por haverem tentado contra sua vida. Ramalho, testamenteiro-inventariante, foi a Tatuí iniciar e acompanhar o inventário. Pôsto anjo, como Spêncer o considera, acusaram-no, entretanto, da partição do leão...

AURELIANO LEITE

A cruzada contra a felicidade

(F I M)

logo em gargalhada, rememoração natural dos seus poemas humoristicos, das suas boutades, da sua verve irresistivel. Um rapaz dirigiu-se para o centro da sala.

— "A tua indifferença"... poema de Orestes Sapoty...

E recitou, por entre arrebentar de risos, os versos do poeta. Não me pareceu nada de extraordinario. Era uma simples queixa de amor dirigida pelo poeta á mulher amada que o desprezava. Não o via na rua, tratava-o como a todos os outros, sem ler nos seus olhos o seu grande, o seu infinito amor...

Espantei-me. Onde estava a graça? Aquillo me parecia uma corriqueira producção de lyrico suburbano. De humorista é que nunca...

— Mas como se explica? Onde o motivo de riso?

O rapaz olhou-me sem comprehender. E ajuntou:

— Orestes é casado.

— E dahi?

— E a mulher gosta delle, naturalmente.

—. E então?

— Pois ahi é que está a graça. A falar de indifferença quando ella tambem é louca por elle.

— E os versos são dirigidos a ella? arrisquei.

— Mas está claro, rematou um dos presentes.

A minha incomprehensão não impressionou. Eu era burro. Alguem trouxe um dos livros. E por entre desventratamentos de goso leram-se outros versos. Num, elle descrevia uma creatura que passava ao lado do marido com seus dois seios tentadores... Quando falou em seios o riso redobrou e ouvi um commentario meio suffocado:

— Dois seios! Como se alguma mulher tivesse quatro! Quá! Quá! Quá!

O desespero com que o poeta a descrevia, o desejo que mostrava sentir, a vontade de mordel-a e beijal-a eram festejados clamorosamente.

— Impagavel! Um homem casado...

Uma poesia em que elle amaldiçoava o trabalho, fonte de riqueza de Sapotysal e incontestavel benção divina, como sendo proprio dos tolos, dos escravos e dos imbecis, foi um successo. Ora que idéa! Amaldiçoar o trabalho! Só mesmo do Orestes...

O seu livro sobre a morte, em que elle a dizia preferivel á monotonia conjugal, á comida a horas certas, á admiração dos contemporaneos, foi lembrado como uma das coisas mais comicas de que ha memoria.

Casa dos Artistas

O Conselho Deliberativo deu posse á nova administração da "Casa dos Artistas", anteriormente eleita, para o biennio 1931-1932, ficando assim constituida:

DIRECTORIA:

João de Deus Falcão — Presidente (reeleito)
Oswaldo Novaes — Vice-Presidente
Carlos Santos — Secretario
José d'Almeida — Thesoureiro
Nogueira Sobrinho — Procurador (reeleito)

COMMISSÃO DE CONTAS

Olavo de Barros — Presidente
Antonio Sampaio — Relator (reeleito)
Paschoal Americo — Secretario

COMMISSÃO DE SYNDICANCIA:

João Silva — Presidente
J. Silveira — Relator
Francisco Moral — Secretario (reeleito).

Aspecto da sala de audição do Gremio Arcangelo Corelli, por occasião da posse da nova directoria, de que é presidente o Dr. Heitor Beltrão.

Outro falou num trabalho em que elle condemnava o matrimonio indissoluvel. Gargalhada geral. Aquelle Orestes era um pandego.

E um longo poema em que se lamentava da incomprehensão, da estupidez dos seus conterraneos, falava em soffrimento, em dor, no isolamento, na desgraça de sonhar, de querer, de desejar, quasi abalou os fundamentos da casa com o riso chocante e communicativo de todos.

— Formidavel o Orestes!

— Formidavel!

✣ ✣ ✣

Irresistivel, porém, foi a noticia trazida por um recem-chegado. Sapoty tinha no prelo um livro: "A Cruzada contra a Felicidade".

— Contra o que?

— Contra a Felicidade...

— Quá! Quá! Quá!

E o recem-chegado explicou que Orestes defendia no livro a mais engraçada das theses: que a felicidade, a victoria, os desejos realizados embotavam o espirito, esterilizavam a alma. Que era preciso soffrer. Que, numa terra onde todos eram felizes era necessario cultivar cada um carinhosamente todas as pequeninas agonias e dores passageiras como uma volupia inedita. Que a saude, o bem estar, o alimento garantido, o amor correspondido, estancavam as fontes do espirito. Que só o soffrimento fazia sonhar, crear e produzir.

Exposto o plano do livro, a gargalhada estrugiu mais forte que nunca. Fantastico, original aquelle Orestes!

E os presentes, vinte ou trinta pessoas, sahiram caminho da casa de Orestes Sapoty, a vival-o pelo imprevisto impagavel da sua these.

✣ ✣ ✣

Eu desisti de acompanhal-os. Tinha medo e pena de ver o poeta. E puz-me a pensar em como devia soffrer homem com a ironia feroz da sua gloria...

ORIGENES LESSA

As tintas para cabellos e alguns conselhos por

A. DORET

Raras são as tintas para cabellos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inoffensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabello a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, resecca o cabello, alisa o que é ondeado, faz mais velha a pessoa que a emprega, dá á physionomia um ar severo e triste ao mesmo tempo.

Trinta annos de experiencia, de estudos, de applicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabelleireiro, em qualquer paiz que fosse, quer na Europa ou na America, attingiu o grão de perfeição ao da casa Doret; tenho no meu estabelecimento clientes de todas as nacionalidades que attestariam a superioridade de meus methodos de tingir os cabellos, garantindo a innocuidade absoluta de meus productos. A's pessoas que não possam vir ao meu estabelecimento, ás pessoas longe do Rio de Janeiro, recommendo nunca tingirem os cabellos de preto; é melhor acastanhal-os que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, mais hygienico.

Recommendo a todos o fluido Doret para acastanhar ou alourar o cabello, este producto é dez vezes menos forte que a agua oxygenada, não queima os cabellos e é um excellente desinfectante.

Para recoloração do cabello branco empregae o meu Henné, pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de applicação, para o bronzeado ½ hora, para acajou escuro, uma hora e meia.

As pessoas que querem escurecer os cabellos para castanho escuro devem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é uma garantia de bom exito.

A Casa A. Doret recommenda suas manicures, seus productos incomparaveis para a belleza da pelle e cabellos, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabelleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas.

Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beaute.

A. DORET cabelleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telephone 2-2431 — Rio de Janeiro

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do **DR. VAN DER LAAN**

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez de gravidez terá um parto rapido e feliz.

Innumeros attestados provam exuberantemente sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias.

Deposito geral:

ARAUJO FREITAS & CIA.
RIO DE JANEIRO

MOVEIS FINOS, TAPEÇARIAS e DECORAÇÕES em GERAL

CASA NUNES

MARCA REGISTRA

A-67